

Um Herói da Epopeia Portuguesa no Ultramar

COLABORAÇÃO DE ANTIGOS
E ACTUAIS ALUNOS DO
SEMINÁRIO DE
N.ª S.ª DA CON-
CEIÇÃO
DO
PÔRTO



D. ANTÓNIO BARROSO

—
1931





IN MEMORIAM

POR OCASIÃO DO CONGRESSO MISSIONÁRIO DE BARCELOS
E INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO SNR.

D. ANTÓNIO JOSÉ DE SOUSA BARROSO



António José de Sousa Barroso

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 17.093

*Bonalione
Peru.*

Homenagem dos Alunos do Seminário
de N.ª S.ª da Conceição do Pôrto

COM A APROVAÇÃO DA
AUTORIDADE ECLESIASTICA

TIPOGRAFIA PORTO MEDICO, L.^{DA}
PRAÇA DA BATALHA, 12-A
PORTO

Da História e da Saúde

PARA maior inteligência do que vais ler, leitor amigo, aqui deixamos, *em estilo de papel azul*, alguns dias marcados com *pedra branca* na vida do Snr. D. António Barroso.

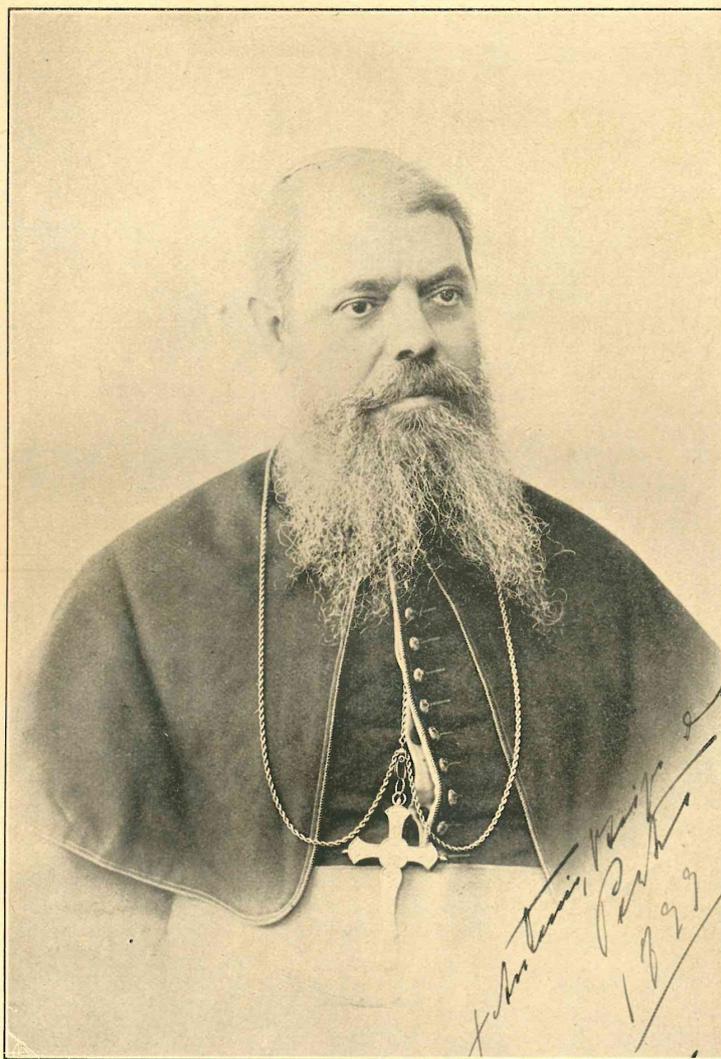
*
* *
*

Aos 5 dias do mês de Novembro do ano do Senhor de 1854, na freguesia de Remelhe, comarca de Barcelos, nascia de António de Sousa e de sua mulher Eufrásia Barroso um filho varão, a quem era posto o nome de António José de Sousa Barroso.

Aos 17 anos de idade, entra para o Colégio das Missões, em Sernache do Bomjardim.

Em 1879, aos 15 de Outubro, celebra a sua *Missá Nova* na paroquial de Remelhe.

Embarcado, em 1880, para as Missões de



Angola, partia para o Congo em Janeiro de 1881.

Aos 12 de Fevereiro de 1891 era nomeado Prelado de Moçambique com o título de Bispo de Himéria.

No Consistório de 15 de Setembro de 1897 é confirmado Bispo de Meliapor, na Índia, pela Santa Sé.

Em 1899, por mercê de Deus e para honra nossa, é transferido para a diocese do Pôrto, onde entra solenemente em 2 de Agosto do mesmo ano.

Finalmente, a 31 de Agosto de 1918, teima a História em dizer que morreu, mas há quem diga que ainda vive nesta saúde — agora

murcha nas nossas mãos e sempre fresca e viçosa no lugar onde a encontrámos:

O SEMINÁRIO DO PÔRTO



O Snr. D. António com seus pais, irmão, cunhada e dois sobrinhos

« Quando Deus quiere bem a uma terra, suscita-lhe um filho que a honre e a illustre, que a envolva amorosamente no brilho da sua vida e no prestígio do seu nome... Deus Nosso Senhor deu uma grande prova de amor à vossa terra, confiando-lhe o berço de Dom António Barroso, que nasceu aqui, num lar retintamente português pela fé, pelo sangue, pela honradez, pela lisura, pelo amor à virtude e pelo amor ao trabalho. Foi muito longe e subiu muito alto êste vosso eminente conterrâneo. Passou pela África, pela

Índia, pelo Pôrto, pelas Missões, pelos tribunais, pelo destêrro...

« Numa impressionante invocação, recorda a memória do illustre prelado D. António Barroso que, já como missionário benemérito, trabalhava no Ultramar português pelo bom nome da Pátria e pela causa da Civilização, e que prestou na Assistência Nacional aos Tuberculosos no Pôrto, actos relevantes de dedicação, como seu presidente que foi ».

DR. LOPES MARTINS

na semana da Tuberculose no Pôrto,
de 1 a 8 de Junho de 1931

Mas foi daqui que êle partiu, crente e robusto, leal e bom, activo e corajoso, como costumam ser os homens do vosso Minho, criados com a graça de Deus entre flores e cruzeiros, pombais e igrejas, relvas aveludadas e árvores vigorosas, águas cristalinas

e searas prometedoras...».

CÓNEGO CORREIA PINTO
na oração fúnebre em Remelhe

D. ANTÓNIO BARROSO

Não quiseram os bons e briosos organizadores dêste número único de homenagem à memória de D. António Barroso dispensar a colaboração do seu Bispo, sucessor embora indigno do eminente e ilustre Prelado, cujas virtudes todos nós enaltecemos e cujos louvores bem merecidos humedecemos ainda com as lágrimas da nossa saúde.

E não se cuide que fizeram a menor violência à nossa vontade, antes vieram ao encontro dela, por nos ser dado ensejo de vincarmos uma vez mais, e tão fundo quanto possível, alguns dos traços de grandeza moral, em que foi fecunda a sua vida e que convém lembrar, para maior dignificação do conceito sacerdotal, que em D. António Barroso se manteve sempre num nível de superior elevação.

A bondade ingênita do seu coração posta à prova no contacto íntimo de tôdas as misérias sociais, nas circunstâncias mais variadas e difíceis da sua vida, deu-lhe essa serenidade inalterável que tanto o distinguiu e que é sempre apanágio das almas invulgares.

Evocar aquela sua grande calma de espírito e coração que media e compassava o seu gesto, palavras e atitudes e fazia o encanto sempre igual da sua personalidade à parte, é fazer passar diante do nosso espírito um dos perfis mais sugestivos de sacerdote e de Bispo.

Ainda mesmo quando estava em jôgo um grave interesse da Igreja, eram marcados por uma serenidade imperturbável os seus actos de maior nobreza moral e da mais desassombrosa energia.

Aprumava-o apenas um pouco mais a mística do seu apostolado, arqueava-se-lhe um pouco mais o peito, à maneira dos grandes heróis doutros tempos, e tínhamos em frente o mártir afoito para as maiores provas.

Era generosa em extremo a sua bondade, o que

muito contribuiu para os triunfos assinalados da sua obra missionária.

Da doação total de si mesmo à causa de Deus e da Pátria fez o timbre da sua vida, e com o mesmo ardor com que desbravava o matagal das almas ia abrindo o caminho às glórias de Portugal.

Parece que era apenas êste o seu ideal de vida, e nele se comprazia sem desvanecimento, sempre dentro da lógica cristã e sacerdotal de bem servir.

O resto, tudo o mais que se passava fora dêste quadro constante das suas actividades pouco contava e bem pequena influência exercia na sua vida.

Nem as compensações legítimas que seria lícito esperar dos seus aturados labores pela Igreja e pela Pátria logravam distraí-lo do fim mais alto em que tinha sempre postos os olhos vivos de servidor de causas nobres e santas.

Não lhe feriram os pés de apóstolo nem lhe escaldaram as mãos de sacerdote e pontífice os interesses mesquinhos por que tanto costumam afadigar-se os homens. O seu espírito de renúncia e de desinteresse absoluto pelos bens do mundo foi uma das facetas mais cativantes de toda a sua vida.

Era afinal a resultante natural duma convergência de virtudes cristãs cultivadas na mais clara atmosfera dum idealismo todo bebido nas fontes sadias do Evangelho.

Ficavam-lhe sempre de lado na carreira recta da vida as vãs cubiças em que tanto se detêm os que vivem com os olhos mais chegados ao pó vil da terra.

Por isso pôde dizer, quasi à hora da morte, aquelas palavras lindas, cristãs e sacerdotais, que são quasi toda a biografia dum santo: «Nasci pobre e pobre quero morrer».

† A. A., BISPO DO PÔRTO



Os missionários P.^e António Barroso e P.^e Sebastião José Pereira com dois filhos e sobrinho do Rei do Congo

A BONDADDE DO SNR. D. ANTONIO BARROSO

Muito justo, mas sempre bondoso, e tão bondoso que, no exercício da justiça, acarinhava e sofria com os que sofriam, D. António Barroso imitou como poucos a bondade do Divino Mestre.

«Nunca vi alma tão eleita que tanto amasse os pobres e os desgraçados, despindo-se para os vestir e alimentando-os com o dinheiro que já não tinha mas que pedia emprestado ao seu secretário particular», escreve um missionário seu companheiro e cooperador em Moçambique.

E D. António Barroso foi assim sempre e em tôda a parte.

A sua vida é por demais sabida dos nossos leitores; duns porque tiveram a ventura de o conhecer e de privar com êle e doutros porque veio até êles o eco das suas muitas virtudes.

Ainda assim queremos destacar e trazer para aqui uns pequeninos trechos, alguns deles por ventura inéditos, da vida modelar do que foi um dos maiores bispos do Pôrto nos últimos tempos.

Depois de D. Frei Rafael de Castelo de Vide, que morreu de desgosto na ilha do Príncipe, em janeiro de 1800, como bispo de S. Tomé, de quem os indígenas de Angola conservam ainda hoje uma carta como reliquia preciosa, Prelado algum desta nossa possessão africana enraizou nela as fundas simpatias e deixou lá o nome glorioso e imorredoiro do missionário Barroso.

No Congo, como é bem sabido, ainda há pouco, jurava o indígena pelo seu nome.

Da sua muita modéstia e simplicidade fala-nos êste facto: Quando morreu o Director Geral das Colónias, Conselheiro Francisco Costa, e chegou o Dias Costa, foi êle com o missionário José António Pereira, hoje cônego da Sé do Pôrto, apresentar ao novo Director os seus cumprimentos.

Pois foi preciso que êste seu companheiro lhe chamasse a atenção para a pobreza da coçada batina com que pela primeira vez visitava um tão alto funcionário, para que, visivelmente contrariado, deitasse pelos ombros uma capa roxa.

E no entanto êste homem tão humilde e desprezado tinha um grande prestígio em Roma, sendo justamente considerado pelas maiores personalidades eclesiásticas.

A 3 de março de 1898 assistia o Snr. D. António Barroso na capela Xistina à festa da Coroação e, quando no fim o Camareiro de serviço apresentava ao Papa os diversos bispos, ao chegar ao já então bispo de Meliapor titubeou ao pronunciar o seu nome, mas Sua Santidade acudiu logo: *é o Barroso, é o Barroso.*

O facto fez o espanto de todos e sobretudo do nosso embaixador, Conselheiro Miguel Dantas.

O Papa da avançada idade de Leão XIII a recordar

prontamente o nome do bispo Barroso entre tantos bispos que recebia!

Conta o cônego José António Pereira que, em 13 do mesmo mês e ano, foram o Snr. D. António Barroso e êle recebidos em audiência por Sua Santidade e que, tendo o snr. Bispo entrado primeiro, quando, por sua vez, êle foi recebido, encontrou-o sentado à direita de Leão XIII!

Mas é preciso recordar um facto para bem se avaliar do seu carácter, da grandeza da sua bondade e da muita consideração e amor pelo seu clero.

Quando o Snr. D. António Barroso foi interrogado em casa do Dr. Afonso Costa por ocasião da sua ida a Lisboa depois da leitura da Pastoral Colectiva, vendo no fim a má disposição produzida por aquela leitura, declarou que o seu clero tinha obedecido às suas ordens e por isso, se houvessem de aplicar algum castigo, queria que recaísse unicamente sobre êle, pois de tudo tomava inteira responsabilidade, e que lhe fôsem poupados os seus Padres.

Manuel de Arriaga, que assistia ao interrogatório, fixou visivelmente comovido o bondoso e santo Prelado do Pôrto.

Um dia chamou-me o Snr. D. António para lhe colher umas informações precisas a respeito da verdade dumas queixas formuladas perante Sua Excelência.

Resolvi a viagem que era longa e custosa e pus-me a caminho.

Como passasse perto da residência do respeitável e venerando sacerdote que se furtara a informar o seu Prelado como por dever de officio lhe competia, fui visitá-lo.

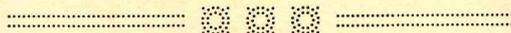
Acolheu-me com simpatia que pareceu transformar-se em velha e franca amizade quando reconheceu em mim o condiscípulo e amigo dum seu sobrinho.

Vou pô-lo a par de tudo com a maior verdade, disse profundamente comovido o bondoso e velho sacerdote, mas o Snr. há de prometer-me que o Snr. Bispo usará da maior misericórdia para com o delinquente. E' pobre e o único amparo de seus pais muito velhinhos.

Fiz-lhe a promessa. E de regresso ao Pôrto quando tudo expus ao Snr. Bispo notei que o santo e bondosíssimo Prelado enxugava duas grossas lágrimas que lhe corriam pelas faces ao dizer-me: vamos-lhe arranjar um lugar onde nada falte àqueles pobres pais.

Beijei, também com as lágrimas nos olhos, o anel do grande bispo do Pôrto e retirei-me... Era um santo o Snr. Bispo!...

CÓNEGO A. BERNARDO DA SILVA
Professor de Dogmática Especial



O ÚLTIMO OLHAR DO SNR. D. ANTÓNIO BARROSO

Muitas recordações saídas me prendem à memória veneranda do Snr. D. António Barroso!...

Vivi sob a sua sábia direcção os melhores dias da minha vida!...

Sabendo que estava perigosamente enfêrmo, vim de férias ao Pôrto para o visitar.

Na casa onde então morava, encontrei recado para ir sem demora a Sacais.

Agonizava no seu leito modesto, cercado da dedicação dos seus familiares, o Santo Bispo.

Competia-me como cônego mais antigo dentre os presentes a honra insigne e o encargo de lhe administrar os últimos Sacramentos.

Comovido, lágrimas a custo reprêsas, dirigi-lhe algumas palavras.

Não sei se as percebeu.

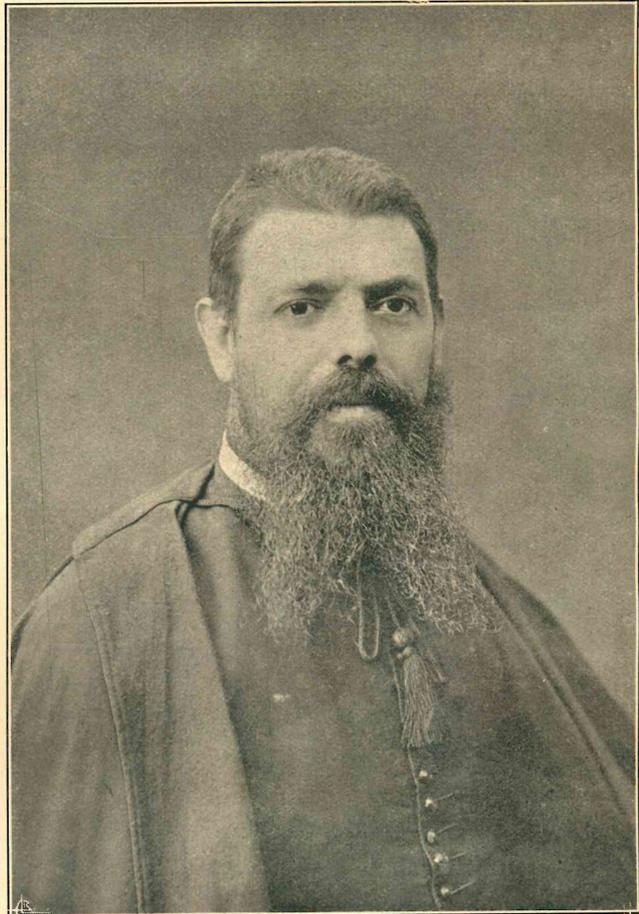
Administrei-lhe a Extrema-Unção.

Acabada a cerimónia, não podendo já falar, fixou-me com olhos tão meigos, tão carinhosos, tão amigos que nunca mais os pude esquecer.

Tenho sempre comigo esta visão que reflectia todo o coração bondoso e delicado do grande Bispo que daí a pouco, serenamente, entregava a sua alma a Deus.

O Senhor o tenha no Céu!

† JOSÉ, BISPO DE LEIRIA



O Missionário P.^e António Barroso, por ocasião da conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 7 de Março de 1889

« Os cavaleiros medievais, cuja bravura vemos renascer em nossos dias nos heróicos soldados portugueses, recebiam a investidura de suas armas sagradas pela mais emocionante liturgia, antes de combaterem contra os infieis. E, coisa singular e extraordinária, a Igreja que ensina sempre a paz, que proíbe o derramamento do sangue, ainda o inimigo, tem largas e abundantes bênçãos para o soldado, a quem preceitua como principal dever a defesa da bandeira da Pátria ».

D. ANTÓNIO BARROSO, na oração gratulatória pela vitória do Cuamato.

ECCE SACERDOS MAGNUS

Muitas vezes durante a vida, quando entrava solenemente no templo, o Snr. D. António Barroso foi aclamado com estas palavras litúrgicas: «*Ecce sacerdos magnus!* Eis o grande sacerdote!» Na sua humildade preferiria talvez não as ouvir.

Hoje, decorridos já alguns anos depois da sua morte e, quero crê-lo, depois da sua entrada triunfante no templo da glória, mas estando bem viva ainda a sua memória, poderão continuar a repetir-se as mesmas palavras em sua honra, imitando a Igreja na glorificação dos seus Confessores Pontífices: «*Ecce sacerdos magnus!*» Foi na verdade um grande sacerdote! Esta grandeza vinha, é certo, em primeiro lugar, da plenitude do sacerdócio, que recebeu na sagração episcopal, mas era sobretudo realçada pelas excelsas virtudes que fizeram dele um Bispo segundo o coração de Deus e merecedor da estima dos homens; por isso é que o Senhor jurou fazê-lo crescer no meio do seu povo.

Era o verdadeiro *Homem de Deus*, como o descrevia S. Paulo na solene exortação dirigida ao seu discípulo Timóteo: «Segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão. Combate o bom combate da fé, conquista a vida eterna, para a qual foste chamado e fizeste uma bela confissão diante de muitas testemunhas» (1.^a Tim., vi, 11-12). Foi esta a vida do Snr. D. António Barroso.

Simple sacerdote foi missionário cheio de abnegação e patriotismo, promovendo com grandes sacrifícios os interesses da Igreja e da Pátria; e de tal maneira se distinguiu no exercício deste seu apostolado que não tardou a ser chamado a ocupar lugar mais alto na hierarquia eclesiástica. Moçambique, Meliapor e Pôrto conheceram-no como seu Prelado. Fazendo-se tudo para todos no desejo de a todos salvar, o seu zêlo não conhece limites nem afrouxa diante das dificuldades. Como Bom Pastor, vai apascentando com carinho e amor os

rebanhos que o Senhor sucessivamente lhe confia. Conhece as suas ovelhas e estas o conhecem a Êle e ouvem a sua voz. É o Mestre querido que lhes aponta o caminho recto do dever e lhes ministra o alimento salutar da verdade; o Pai carinhoso cujo coração palpita em uníssono com o dos seus filhos, alegrando-se e sofrendo com êles; o Anjo da caridade que vai ao encontro dos que sofrem a fome, a pobreza e o infortúnio para os socorrer, consolar e abençoar. E assim a sua vida passa-se tóda numa missão de luz, paz e amor. Não admira pois que fôsse tão chorada a morte de Quem na vida havia enxugado tantas lágrimas.

E para que nada faltasse à sua vida de Apóstolo tolo infatigável e em tudo se parecesse com o Mestre Divino, teve como digno remate da sua obra a coroa gloriosa do martírio. Foi perseguido, insultado, despojado dos seus bens, chamado aos tribunais e por fim condenado a seguir o caminho do destêrro e a viver longe do seu rebanho querido. Mas o grande Bispo não se intimidou; sempre firme na defesa dos princípios católicos, saía da presença dos juizes, como outrora os Apóstolos, contente por ter sido achado digno de sofrer afrontas pelo nome de Jesus.

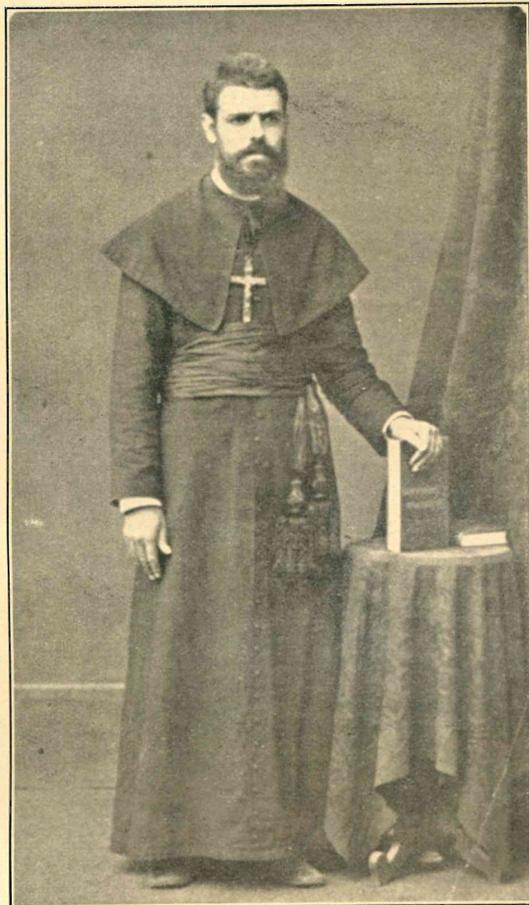
A Prelado tão insigne, glória do Episcopado português e modelo de virtudes sacerdotais e apostólicas, podem com razão aplicar-se as palavras da inscrição tumular de Pio x, que serão o seu melhor elogio:

*Pauper et dives
Mitis et humilis corde
Reique Catholicae vindex fortis.*

Abençoada seja pois a sua memória!

CÓNEGO MANUEL JOSÉ DE SOUSA

Professor de Sagrada Escritura
e Vice-Reitor do Seminário



O Missionário P.^o António José de Sousa Barroso

D. ANTÓNIO BARROSO

Os alunos do Seminário do Pôrto pedem-me duas palavras para um número único, a publicar por ocasião do Congresso Missionário que vai realizar-se em Barcelos, na ocasião em que há de inaugurar-se naquela cidade um monumento ao Senhor D. António Barroso, que foi glorioso Bispo desta diocese do Pôrto.

Não posso recusá-las, e até com muito gôsto as escrevo, pois que tenho assim ocasião de cumprir um dever de gratidão para com êsse grande Prelado, a quem muito devo.

Falecera o Senhor Cardinal D. Américo, Prelado por todos os títulos eminente, restaurador da disciplina eclesiástica na diocese, organizador e fundador dos nossos gloriosos Seminários do Pôrto.

A Providência escolheu para lhe suceder D. António Barroso, que dentro em pouco se afirmava o Bispo duma cultura invulgar, conquistando ao mesmo tempo o coração de todos os seus diocesanos, pela sua inexcedível caridade e amor dos pobres. Não há no Pôrto, terra clássica da caridade, instituição alguma que não lhe deva uma especial protecção.

Não sabia recusar esmola a quantos lha pediam, e recomendava tôda a gente à protecção dos seus amigos, a ponto de abusarem dele com pedidos impertinentes e nem sempre justos.

Um dia um indivíduo, que o conhecera em África, pedia-lhe nada menos que uma subscrição entre os seus amigos para lhe valer numas dificuldades económicas em que se encontrava.

Recordo-me ainda dum facto que mostra a sua muita caridade e ao mesmo tempo a magnanimidade do seu generoso coração.

Estava êle apenas convalescente duma das suas últimas enfermidades quando, presidindo a uma reunião da Obra da Assistência ao Clero Pobre da Diocese do Pôrto, por êle fundada, apresentou uma carta em que um leigo, da família dum sacerdote doente, socorrido pela Obra da Assistência, se atrevia a ameaçar o Prelado, no caso de não se aumentar a pensão que por esmola se dava àquele sacerdote.

Vejam o que se há de responder a isto, dizia êle. E foi preciso que o Dr. Correia Pinto o desagravasse do insulto que lhe faziam, propondo que a Comissão tomasse a seu cargo fazer sentir a êsse leigo a inconveniência do seu procedimento para com o venerando Prelado. Apressou-se o sacerdote em questão a pedir muita desculpa ao Ex.^{mo} Prelado, o que bastou para se resolver aumentar-lhe o subsídio, pois que a necessidade assim o exigia.



O Bispo de Himéria em visita pastoral na Zambézia

A um dos seus familiares ouvi mais duma vez afirmar que o Senhor D. António pensava mais nos outros do que em si, cuidando de que nada lhes faltasse a êles e esquecendo-se muitas vezes da sua pessoa.

Um dia no Círculo Católico de Operários do Pôrto, que êle muito amou, falando com a arrebatadora eloquência que lhe era peculiar, recordava êle com saúdade, comovido até às lágrimas, os seus queridos pretinhos do Congo, onde tinha encontrado, dizia, corações generosos, nos quais o sentimento da gratidão era cultivado com uma delicadeza que nada ficava a dever aos brancos civilizados da Europa.

Mas não foi só o homem da caridade o Senhor D. António Barroso.

Foi ainda o Bispo providencial preparado pelos sacrifícios e trabalhos da África e da Índia para sustentar com galhardia, na diocese do Pôrto, o embate da mudança de regimen, opondo-se, serenamente mas enèr-

gicamente também, à perseguição religiosa que se lhe seguiu.

Com uma calma e um sorriso de quem nada estranha, êle suportou todos os vexames, encarando a perda de tôdas as temporalidades e o exílio, que por mais duma vez sofreu, com uma resignação edificante, firmada num grande espírito sobrenatural. Deus nos protegerá, Deus será connosco nas tribulações, pelas quais estamos a passar, dizia êle muitas vezes; rezemos, trabalhemos e tenhamos confiança em Deus.

E não se enganava.

O Bispo, perseguido em vida, foi glorificado dum modo singular e único nessa apoteose magnífica que foi o seu funeral, nesta cidade do Pôrto.

O Bispo, forte na resistênciã aos abusos da autori-

dade civil, começava a ser glorificado na terra, e essa glorificação tem continuado e vai continuar felizmente. Ouvi um dia dizer a uma mulher do povo, com quem viajava num combóio do Minho, que no túmulo do Senhor D. António Barroso se colocavam flores e acendiam luzes, como se faz aos Santos.

Agora é uma estátua que vão levantar-lhe em Barcelos, realizando-se por essa ocasião um Congresso Missionário, ao qual só poderei assistir em espirito lá dessas longinquoas terras da Índia, que êle tanto illustrou com o prestígio da sua palavra e da sua acção, tão apostólica e tão portuguesa.

† MANUEL, BISPO TITULAR DE GURZA
Auxiliãr do Senhor Patriarca das Índias

RECORDANDO...

Tinha eu quinze anos quando entrei para o Seminário dos Carvalhos, e foi, numa distribuição de prémios que precedia a abertura das aulas, que vi e ouvi,

luminosa e estimulante quer da competência dos mestres, quer da competiçãõ dos condiscípulos.

E, àquela hora, vinham-me, num ímpeto de saudades, ganas de chorar. A transplantação cultural não a suportava a minha adolescência sem um grande estiolamento de esperanças.

Mas a alocução final do Prelado do Pôrto, duma pessoalíssima retumbância, retirou-me desse fundo poço de mágoas que, durante a cerimónia, tive-ram em imersão total meu pensamento...

Compreendi que um novo comando dirigia agora a minha juventude e, ao ouvi-lo, era



Reunião Episcopal na Índia

pela primeira vez, o venerando Bispo que me havia de ordenar mais tarde.

Saíra do Colégio de S. Fiel que freqüentei desde os dez anos, tendo respirado uma ambiência escolar

como se a encarnação bíblica dalgum Profeta pessoalmente me viesse intimar um mandamento do Eterno. Tal a primeira impressão recebida dessa veneranda figura de Missionário, nimbada já de precoces alvôres

de velhice, esmaltando a sanguínea das vestes prela-
ticias com a prata fôca da sua grisalha barba pa-
triarcal.

Quando acabei o curso de Teologia proclamava-se
a República em Outubro seguinte e
era ainda Reitor dos Seminários
do Pôrto o Bispo Bar-
roso.

Uma hon-
rosa acepção
de pessoa,
gentileza do
Snr. Dr. Fer-
reira Pinto,
designara-me
para uma
cuidada cata-
logação da
biblioteca,
enriquecida
por doações
recentes e a
instalar em
edifícios pró-
prios, o que
prolongou,
por mais um
ano, a minha
moradia no
Seminário.
Ali estive o
primeiro tem-
pestuoso ano
da Repúbli-
ca, compul-
sando, um
por um, todos os livros, para arrumar, em novo estan-
teado, as diversas espécies literárias, paciente e atento
crestador duma colmeia ideal cujos alvéolos depois eu
repunha atestados do melário dulcíssimo das sciências,
das letras e das artes...

Nesse ano lectivo foi que a Lei da Separação pro-
vocou a Pastoral colectiva cuja leitura D. António Bar-
roso intimara aos párcos da sua diocese, depois da
proibição do govêrno.

Os párcos foram presos, enquanto o Bispo-Missio-
nário era chamado a Lisboa para rever scenas de África,
sofrer as vaias duma multidão enfurecida a que a
antropofagia política da época açulara os instintos
selvagens.

Fui da geração de sacerdotes a que o Prelado con-
cedeu ordenações no seu destêrro de Remelhe.

Hospedávamo-nos no *Hotel Vinagre*, um hotel de
Barcelos cujo chamadoiro já punha em minha bôca a
amargura do cálix que o fel da calúnia encheria depois
de ressaibos do Pretório...

Dali abalávamos, manhãzinha, para Remelhe. Era
a uma ermida de encosta, pequenina e baixa que descia
connosco o envelhecido Bispo apoiado numa cana da
Índia, cana verde duma soberania vergada pelas vio-
lências do Poder, mas re florida em rústico báculo de

Pastor perseguido cuja jurisdição plena alcançava afinal
os limites espirituais da sua diocese.

E nós éramos ordenados numa Cerimônia clandes-
tina, obscura e comovente, evocadora dos tempos apos-



EM ROMA — 1898

O Snr. D. António Barroso, tendo à sua direita o Conde de Alufe e o Dr. António Gomes;
e à esquerda : Mgr. José António Pereira, Marquês de Mac S. e Mgr. José de Oliveira Machado

tólicos em Damasco, em Antioquia, nas Catacumbas...

O destêrro porém não isolava o Pastor do seu reba-
nho que, em continuas migrações parciais, nômade
pela nostalgia, acorria a Remelhe a povoar-lhe, a dis-
farçar-lhe a penosa solidão.

Estas manifestações de saúdade pelo querido Des-
terrado renunciaram a apoteose que foi o seu regresso
à Sede episcopal. Foi já então que eu me ordenei de
padre.

Quis Deus que fôsse do seu cálix que eu bebesse
o vinho e o fel do Sacerdócio e, na minha face, fôsse
seu o ósculo duma paternidade espiritual que é todo
o meu orgulho. Por isto à sua vida ficou indissolúvel-
mente unida a minha existência sacerdotal que se com-
praz em queimar agora o branco incenso dêste humilde
louvor no lausperene da admiração nacional que para
sempre envolverá a memória do Bispo Barroso.

Só num *post-scriptum* dos Lusíadas, que alcançasse
a actualidade e em que uma nova *fúria sonora*
ministrasse à nossa língua a ebriedade da epopeia, é
que ficaria bem a aventura heróica da sua vida de
Apóstolo e de Português.

Em perfeita consonância com o estilo altiloquo de
Camões, o medalhão literário, em que um artista de
génio cunhasse a vera efigie dêsse Conquistador in-

cruento, devia ser gradeado pela filigrana da poesia e da lenda.

Tão perto desta, a História tumulou a sua figura jacente, que êsse construtor de Missões na apagada e vil tristeza que consome a Pátria, firmando, em tantos pontos do império, os marcos espirituais da nossa dominação secular e edificando a Metrôpole com o exemplo da sua fortaleza moral, lendário *encoberto* da dinastia

religiosa revive da morte na lembrança devotíssima do povo, no proclama mítico do sertão, como não sei que certeza de vitória escondida na aljava do optimismo nacional...

P.^e DONACIANO DE ABREU FREIRE
Reitor de Beduido (Estarreja)

MORTO IMORTAL

Vozes dalém túmulo: *ou me louva como cristão, ou cala-te...*

Dos que expiram no ósculo do Senhor *a vida não se extingue, apenas muda.*

A glorificação do Snr. D. António Barroso, benemérito entre os que mais o são, iniciou-se na terra, consumando-se já (piamente o cremos), na visão beatífica!

Por certo que na balança da divina justiça hão de ter pesado as esmolas que prodigalizava a tantos desditosos por êle socorridos. À passagem dos seus restos mortais, pranteavam êles sentidamente o desaparecimento do Pai dos pobres!...

Podia aplicar a si próprio, sem forçar a nota, o célebre verso de Terêncio: *«Interessa-me tudo o que diz respeito ao homem»*. Também podia apropriar-se a frase do Mantuano: *«No meu coração há lágrimas para tôdas as dores»*. Todo se confrangia ao ver sofrer alguém sem poder balsamizar-lhe as dores!

Quando um necessitado lhe estendia a mão descarnada, dava logo (quando tinha que dar), sem curar das próprias necessidades...

Um dadivoso capitalista desta cidade fez-lhe o donativo avultado dum conto de reis (ainda não havia escudos); e decorridos alguns dias, já o último real se tinha escoado pelas mãos dos indigentes e infelizes, a ponto de o generoso bemfeitor proferir esta frase incisiva: «o Snr.

e perigos que vai correr, devido à sua inexperiência; mas a força das circunstâncias é imperiosa!»

A propósito de prêgadores ouvi-lhe estas, infeliz-



D. António Barroso no exílio de Coimbra

D. António precisa dum tutor... também é de mais!»!

Por isso, a geral consternação em tôda a cidade, ao correr a dolorosa notícia do seu falecimento, comparou-a o preclaro Bispo de Bragança, D. José Leite de Faria (lustre do nosso episcopado), ao luto nacional do povo israelita, quando o valente Judas Macabeu tombou exânime no campo de batalha!

Ignoro qual o epitáfio esculpido na pedra tumular do ilustre extinto; mas creio bem que nenhum seria mais glorificador da sua memória do que estas palavras que lhe ouvi no Paço de Sacais: «Pobre nasci; pobre tenho vivido; e pobre hei de morrer»!

Que sublimes ensinamentos encerrados nestas frases sugestivamente lacônicas! O emérito e compassivo Prelado tinha o culto da pobreza, como outros têm o culto do vil metal, devorados pela sêde insaciável de riquezas!

No vão duma janela da sala de visitas do Seminário dos Carvalhos, ouvi-lhe um dia êste desabafo: «Não imagina P. F... quanto me penaliza mandar paroquiar uma freguesia um padre ordenado de há pouco, por causa de tôda a sorte de dificuldades

mente, justificadas lamentações, no mesmo Seminário: «P.º F... o nosso povo é o mais ignorante da Europa, em matéria religiosa! Pode crê-lo... e sabe qual a causa principal de tão crassa ignorância?—É o púlpito, que de há 50 anos para cá, em vez de ministrar o pábulo da instrução religiosa aos fiéis, está convertido em tribuna académica, donde se espargem flores de retórica sôbre os ouvintes; é uma verdadeira calamidade», concluiu o apostólico Prelado.

*
* *

Como remate dêste tão desvalioso quão sentido preito de saudade à memória do saudável e inesquecível Bispo do Pôrto, que a todos metia no coração, apraz-me relatar um facto muito íntimo.

Tendo falecido Monsenhor Luís Vianna, assás considerado Director Espiritual dos Seminários do Pôrto e dos Carvalhos, mandou-me chamar a Sacais para me dizer: «P.º F... até agora tem aturado os meninos nas aulas: de hoje em diante vai aturá-los no confessional», ao que com a devida vénia observei que as minhas demissórias tinham esta cláusula: «enquanto exercer o magistério no Seminário dos Carvalhos». «Deixe cá isso comigo e com o seu Bispo; não lhe dê cuidado», replicou o inolvidável Prelado, a bonomia em pessoa. E concluiu com esta instante recomendação: «Faça-me dos seminaristas homens de carácter».

Com efeito, a crise mais temerosa que avassala a sociedade contemporânea não é tanto a económica como a originada pela manifesta depressão de caracteres!

Este convite tão cativante, quanto honroso e imerecido, explica, em parte a minha desprimorosa colabo-

ração neste *Número Único*, cuja iniciativa é sobremaneira lisongeira para os Seminaristas, seus promotores, que apesar de não conhecerem o homenageado, nem por isso deixam de admirar as suas raras virtudes e de enaltecê-las.

Fruí o grato prazer de ir com vários colegas visitar o ilustre príncipe da Igreja à sua casa de Remelhe e ao Colégio das Missões, a quando do seu exílio, cujas agruras tinham a dulcificá-las a consciência do dever nobremente, intemera-mente cumprido!

Firme nos caminhos do Senhor. Era roble e não tombou!

Tenho para mim que o enorme e justificado prestígio que aureolava a sua figura inconfundível de Missionário e patriota muito contribuiu para que a malta de energúmenos assalariados o não trucidassem nas ruas da Capital, quando intimado pelo govêrno a dar contas do *ne-fando crime* de mandar ler a *pastoral colectiva*, incontestavelmente um dos actos que mais o dignificaram e lhe perpetuam a memória através dos tempos!

Assim se galardoa uma epopeia de altos feitos e relevantes serviços prestados à Igreja e à Pátria!

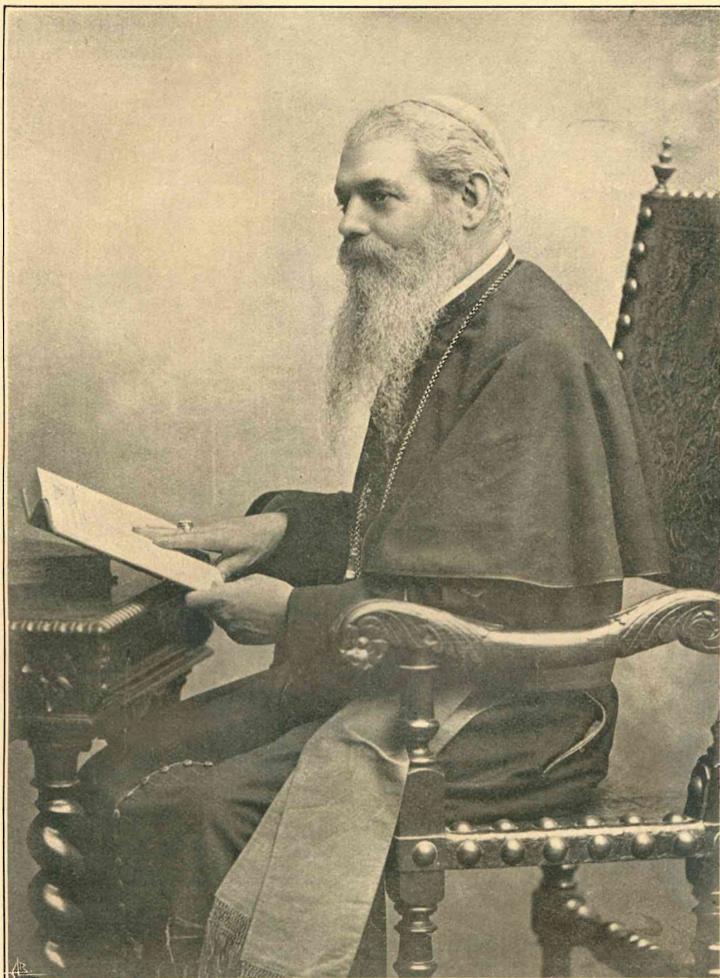
Ainda bem que vai soar a hora da reparação! A estátua erecta na cidade de Barcelos pelos seus admiradores e compatrióticos será um padrão de glória a apre-
goar *evos a dentro* quanto pôde a fé ardente e a chama do amor da pátria «*não movido de prêmio vil, mas alto e quasi eterno*» a estuar no peito do benemérito missionário, do português «*sans peur et sans reproche*», do infatigável Apóstolo e do grande Bispo!



D. António Barroso, com os Ex.^{mos} Viscondes da Pesqueira, em Roma, no dia 10 de Maio de 1898

PADRE CONCEIÇÃO CABRAL
antigo Director Espiritual do Seminário

OUTRO MISSIONÁRIO E BISPO



Último retrato de D. António Barroso

Vai o tempo para assuntos missionários e por isso julgo que não será fora de propósito lembrar um sacerdote portuense, natural de Aguiar de Sousa, que no Oriente prestou relevantes serviços e foi admiravelmente retratado numa *Oração Fúnebre*, na igreja de Santa Marta, em Lisboa, a 10 de Julho de 1897, pelo Prelado de Himéria, Sr. D. António Barroso. Esse missionário e bispo foi D. João Gomes Ferreira, nascido em 1851, aluno muito distinto do Colégio das Missões Ultramarinas, nomeado professor e vice-reitor do Seminário de S. José de Macau em 1875, depois missionário em Timor, e sagrado bispo para Cochim em 1887. Na citada *Oração Fúnebre*, que foi repetida em Aguiar de Sousa e impressa no Pôrto, o Sr. D. António Barroso conclui assim: «A Pátria honrada e agradecida, Timor beneficiado e reconhecido e Cochim edificado — transmitirão às gerações futuras, o nome abençoado do cidadão modêlo, do missionário exemplar, do bispo incomparável. Não perturbemos com as nossas lágrimas o repouso dêsse túmulo venerando, donde emerge luz que sobe para iluminar os túbios, energia suficiente para estimular os desfalecidos, força audaz para reanimar os fracos. Elevemos ao trono excelso do Omnipotente uma sentida prece pela alma do que no mundo foi D. João Gomes Ferreira, bispo de Cochim, em troca do largo património dos bons exemplos, de virtudes heróicas, do amor inexcedível da sua Pátria, que nos legou e que constituem a riqueza moral do povo, a que pertenceu. *Defunctus adhuc loquitur*, jaz morto e ainda fala. Ainda é um exemplo e um incitamento».

Já que não é possível publicar todo o trabalho oratório do Sr. D. António Barroso, para memória ficam estas palavras.

A. FERREIRA PINTO.

«Fui soldado duma milícia, que também combate além-mar pela honra do nome português; ali me alistei, ali pejejei como soldado raso, com a coragem que me dava um coração de português, que pulsa unísono com os vossos, impulsionado pelo nobre amor da nossa querida Pátria... Soldados de duas milícias distintas, mas caminhando paralelamente para um mesmo fim, uma brandindo a espada, outra empunhando a cruz, investiram com o sertão ignoto e foram os primeiros que ao mundo lhe palentearam os segredos, os mistérios e as riquezas».

D. ANTÓNIO BARROSO, na oração gratulatória.

PRIMEIRO É VER!

Sempre me pareceu que a fisionomia espiritual do sr. D. António Barroso andava por aí muito desfigurada. É sestro de quem avulta e se avanta desmesuradamente por mais duma fâceta, eu sei.

Há sempre a tendência para *olhar* as coisas unilateralmente. É, afinal, aquele jeito que todos temos de parar por ter pasmado.

Focamos um traço mais saliente, afirmamo-nos bem nele e logo nos apresamos a celebrar o achado, de tão habituados que estamos a não encontrar mais nem tanto! É também uma razão que desculpa...

Claro que o sr. D. António Barroso, apesar de ser uma excepção, nisto não foi contra a regra.

Olhos houve — e muitos foram, louvado seja Deus! — que se fixaram no seu *coração*, em maré cheia de virtudes, e nessa visão se quedaram como num deslumbramento.

Ele era, era, aquele *coração de carne*, como o Senhor diz e quer, mas era também, antes de tudo e sobretudo, — nunca esqueçamos — a *cabeça* desse coração.

Primeiro o Espírito: *primeiro é ver* e só depois o *querer bem!*

A Ideia — o Pensamento — é a ossatura que dá consistência, que informa e endireita o desarticulado e esponjoso da carne.

O Sentimento vale pela dinâmica. Por isso é que a Ideia para triunfar tem a necessidade vital de se transformar em Sentimento. Por outro lado, quando só há coração, ou ele é quem predomina, tudo se gasta em calor: ficam as cinzas apenas...

Para *durar* é indispensável o equilíbrio: luz e calor.

... E a vida do sr. D. António Barroso teve o equilíbrio raro de produzir e durar; passou-se toda na harmonia chã da simplicidade. E os sonhadores não são simples; e os sonhadores não são fecundos. Sonho e fumo, tudo é um.

Bem me parecia a mim que a razão estava comigo!

Depois, há lá entusiasmos de paixão que não caia mirrado ao primeiro crestar de ilusões doiradas?



Jazida-Monumento no cemitério de Remelhe

Se o entusiasmo é uma excitação anormal (logo passageira), quem deu à *Obra* do sr. D. António Barroso a continuidade e a estabilidade das coisas eternas, quem foi?

Pelo sinal das suas armas o confesso e declaro agora aqui.

Pelo sinal das suas armas... pela *tenção* da sua vida.

Sob este signo quero dizer a verdade para que até aqueles que não sabem ler a guardem no entendimento.

Escudo partido — já é um símbolo. À direita, em campo de azul, um pelicano de prata com três filhotos a navalhar-lhe no peito: é a *teimosia no Amor* que só o é por motivos, inteligentemente.

Os motivos... o fundamento jurídico-moral da ocupação nas Conquistas, por exemplo.

Como o sr. D. António Barroso viu isto bem!

Nas Missões encontrava ele uma maneira raciocinada de ser, a um tempo, cristão e português. São palavras suas na Sociedade de Geografia de Lisboa: «Que direitos podemos nós, podem todas as nações coloniais apresentar como legítimos para a posse das suas descobertas e conquistas, a não ser o de as civilizarem, enriquecerem e tornar felizes os seus antigos possuidores? Não conheço outros».

Talvez por saber isto, acostumei-me de há muito a reconhecer naqueles filhotos que espicaçam o peito do pelicano — esgarçado por ele mesmo! — as três terras por

êle andadas, os três Povos por êle amados: — ali do lado do coração deve estar o Congo; lá para as bandas do Levante fica a Índia, com certeza; e o do meio... é Portugal!

... E o do meio é Portugal?!

Por Portugal, em todo o tempo e lugar, apesar de tudo e contra tudo, fez o sr. D. António Barroso *das entranhas coração...*

Não vos parece ainda que a razão estava comigo?

Ao menos sabej que a *teimosia de amar* só chega ao Coração pela Inteligência.

Primeiro é ver!

ERNESTO DOMINGUES

do IV Ano de Teologia

POR ADMIRAÇÃO E AMOR

A fôrça do Senhor é tão poderosa, tão forte, que até chama e traz à vida os corpos frios, em decomposição.

Não esqueçamos, todavia, que nem por isso Deus dispensa o esforço humano, o trabalho que pode remover a pedra do sepulcro.

Bemditos os que indicam, ou alguma vez indicaram, em noite escura, os barrancos, os despenhadeiros, os abismos, porque nesse instante de bênção serviram a Vida.

Aos que andavam nas sombras e regiões da morte, o missionário Padre Barroso foi a lâmpada do Senhor, alumadora e de salvação.

Bemdito!

*
* *

E como êle, tantos outros. Alguns até companheiros de trabalho e íntimos seus: Dom Sebastião José Pereira, Dom António Medeiros, Dom João Gomes Ferreira — três missionários que andaram em

terras de África a indicar aos filhos da selva o caminho da Civilização e da Vida, a ensinar-lhes a soletrar o nome de Deus e de Portugal.

Há grandezas, na verdade, e há nomes que apenas se podem soletrar.

Mas não ficaram só por África. Não. Que a luz de Deus — por ser de Deus — não quere outros limites que não sejam os do mundo.

Reatando a tradição missionária de Portugal, foram para Macau, para Damão, para Timor com a bandeira e a Fé da nossa terra...

E por lá ficaram, e por lá morreram.

Reviveu neles a loucura dos filhos de Deus que, sem leira nem beira, vivem com a imprevidência singela das aves, a procurar e a conseguir para os demais uma sementeira fértil, rica e boa. Sem leira nem beira, sem orgulho e sem vaidade!

Dos homens houveram talvez, aqui e além, as aclamações festivas da gente ruda mas agradecida.

E em Lisboa e no Pôrto, o Senhor Dom António Barroso também teve os apupos... do povo? Não o digamos.

A inconsciência não é sujeito de responsabilidade. Não a recriminemos.

*
* *

Os homens vivem na impaciência da traição e da cobardia, desde que lhes prometeram os trinta dinheiros.

Dom António Barroso não os teve.

E nem os quis.

*
* *

Foi em Estarreja, há muitos anos, numa manhã longínqua, que o Senhor Dom António Barroso rece-

beu as primeiras homenagens em terras da sua diocese.

Ainda hoje, lá na minha terra, se diz acerca dêsse dia e se fala do sr. *Bispo das barbas*.

Então, não o pude eu saudar.

Escondido, tê-lo hia feito.

Mas não.

E é hoje, a tantos anos de distância, que eu venho, por admiração e amor, juntar a minha voz pequenina à voz perdida dos meus conterrâneos para aclamar, de alma e coração, a nobreza dum carácter, e o carácter dum homem, dum Bispo que não passou.

FRANCISCO NUNES TEIXEIRA

do III Ano de Teologia

PARA A HISTÓRIA DUMA PEQUENINA CATEDRAL...

Espíritos apaixonados pelo belo e escritores scintilantes como Broquelet, Barrès e outros têm promovido uma intensa campanha em defesa dos edifícios religiosos — *monumentos artísticos ou pequenas igrejas* — levando os poderes públicos à reparação dos primeiros e incutindo nos fiéis um grande amor aos segundos, conservando-os com interesse e até com desvelado carinho. Isto mesmo se tem passado entre nós.

Por todas as regiões, nos últimos anos, muito se tem trabalhado nesse sentido. E quem atravessa as províncias do Norte observa que as suas igrejas e capelas, reparadas, aumentadas e brancas — atestam a fé dos habitantes, o seu amor à terra abençoada e o intenso respeito pelas obras dos seus antepassados.

Bem hajam os pastores e fiéis que assim zelam as casas do Deus Vivo, interessando-se, amorosamente, pelos lugares mais sociais das suas terras, onde, diariamente, homens e mulheres, velhos e crianças, se reúnem, prestando culto ao Senhor, e aos seus Santos, recordando a fonte baptismal, a primeira comunhão que ali fizeram, o matrimónio que junto aos altares contraíram, orando pelos vivos e sufragando as almas dos queridos mortos.

Bem hajam todos... bem hajam! O Senhor D. António Barroso, que viveu distanciado de Remelhe depois dos 17 anos, consagrou sempre muito amor aos templos da sua terra, interessou-se vivamente pela sua igreja e pela capela

de S. Tiago de Moldes, próxima da casa do seu nascimento. Consta que esta capela é antiqüíssima e que já por 1220 era uma abadia secular, pertencente ao julgado de Faria, e que pelo século XVI foi anexada à paróquia de Remelhe, porquanto não tinha condições de vida independente.



Interior da Jazida-Monumento

« Observar os costumes, a religião, as instituições embrionárias, as tendências de raça e o modo de viver das populações africanas, demanda uma atenção, um estudo muito mais aturado e persistente do que à primeira vista se nos afigura ».

DO MISSIONÁRIO BARROSO
na Sociedade de Geografia

O Sr. D. António teve sempre uma devoção muito especial por N.ª S.ª da Boa Ventura ou Boa Fortuna, cuja imagem está no altar principal da referida capela, e interessou-se vivamente pela conservação desta e da igreja paróquia, como bem posso certificá-lo. Nos dois últimos anos da sua vida, promoveu tríduos na capela de S. Tiago, sendo prègador de ambos o Sr. Cônego José Alves Correia da Silva, actual Bispo de Lيريا, auxiliado no serviço religioso pelo Rev. Joaquim Pereira da Rocha, hoje Cônego da Sé do Pôrto, que também prègou na referida capela.

De 1911 a 1914, durante o grande exílio do Sr. D. António Barroso, serviu a capela de Cathedral, porque aí realizou 17 ordenações, conferindo: tonsura e menores a 55 seminaristas, subdiácono a 52, diácono a 65 e prèbitero a 63.

Se era bem desagradável o motivo das ordenações na capela de S. Tiago, contudo há uma nota simpática, carinhosa — muito louvável: não quiseram os alunos dessa época receber ordens senão do Sr. D. António Barroso. Esperavam ocasião oportuna, faziam o sacrifício da via-

gem, da hospedagem em Barcelos, mas queriam visitar o seu Pastor e só dele receber a ordenação. Bem hajam!

Injustiça seria, esquecer, neste lugar, o falecido mestre de cerimónias, zeloso pelo culto e dedicadíssimo ao Sr. D. António, acompanhando sempre os ordenandos, mandando cimentar o pavimento da capela e prestando muitos outros serviços, ignorados dos homens e só conhecidos de Deus. Quero referir-me a Mgr. Joaquim Lopes, falecido em 1919. Aqui fica o nome dêste sacerdote, o companheiro mais dedicado do Sr. D. António Barroso.

Nesta publicação, destinada a uma larga propaganda, ficam assim exemplos de amor aos nossos tempos, de dedicação à nossa terra, que devemos amar com muito afecto e até com sacrificio. «Amemos a pátria na tradição, na história, na legenda, na sciência, na literatura, na arte, no céu que a cobre, no mar que a seduz, no berço das crianças, na sepultura dos mortos...» como o Sr. D. António amou a pátria e a sua terra natal.

ANTÓNIO FERREIRA PINTO

Professor de Pastoral e Reitor do Seminário

UM HOMEM QUE NUNCA TEVE MÊDO

«...Têmpera de aço... serena bondade...
...figura quasi lendária...»
(Sua Ex.^{ca} Rev.^{ma} o Senhor Bispo do Pôrto no prefácio do livro «D. António Barroso»).

Superioridade moral pela bondade, superioridade mental pelo desassombro... Grande Prelado que foi o Senhor D. António Barroso!

Era no Congo. Os direitos históricos de Portugal no antigo reino estavam em jôgo. Antes que a diplomacia no-los reconhecesse já a voz suave mas nobre do Padre Barroso se interpusera e se afirmara.

No Pôrto. A sua acção pastoral conhece situações excepcionalmente difíceis: tudo vence e a nada sucumbe a «têmpera de aço» do sucessor de D. João de França e D. Américo. Novo Bayard, o Senhor D. António Barroso confessa, singelamente, que não receia morrer de medo!...

É dêste jeito a alma dos Apóstolos!

*
* * *

Patriota, tendo como Maurice Barrès, o culto da Terra e o dos Mortos—*nos seigneurs les morts*—, sobretudo daqueles que mais alevantadamente serviram Portugal, o santo bispo todo se devotara a copiar-lhes os rasgos e ousio desde que numa visão concebida—êle o diz—no remanso inspirativo de Sernache os surpreendeu certa vez na sua glória e os recebeu para sempre na mente idealizadora.

O medo é o património dos fracos. Do Congo ao Pôrto, por Deus e pela Pátria, sempre, sempre D. António Barroso mostrou, quer pela inalterabilidade do seu espírito, quer pela firmeza de todos os seus actos, possuir aquele raro e grande dom que se chama a força, não a força material que desmoraliza o mundo com os seus exemplos, no dizer forte de Montalembert, mas a força-ideal, a força-equilíbrio, a força-disciplina, a força-dom do Espírito Santo, a força virtude moral e cardial, como já a estudara Cícero, ignorante embora da Revelação cristã.

D. António Barroso sofreu, foi perseguido. «E todos os que piamente querem viver em Jesus Cristo hão de padecer perseguição». Mas que dignidade, que estocismo cristão o seu perante a provação e a dor!

Quem não recorda ainda hoje a sua evangélica decisão quando bispo do Pôrto, ordenando que se lesse, nas Igrejas da Diocese, a Pastoral colectiva, sciente de que, em colisão de obediências, importa mais obedecer a Deus do que aos homens? No exílio, em palácios diante de ministros, nas ruas da cidade apupado pela gentalha, nos tribunais julgado como um réu, D. António Barroso é sempre o mesmo — o *Homo Dei*, o Príncipe da Igreja, o símbolo da mesma Igreja sempre perseguida e sempre moça — *patiens quia aeterna* — majestoso, sereno, confiado, impávido. Os Atanásios, e os Pios acodem-nos por seu intermédio à memória. Que grande Bispo, que grande Cristão e que grande Homem!

O Senhor D. Antonio Barroso compreendeu bem aquele espírito de fortaleza de que falava S. Paulo a Timóteo das profundezas da prisão de Roma; encarnou bem o modêlo do cristão na definição de S. João Crisóstomo — «um homem superior ao medo e às ameaças»; foi o homem a que nada do que é humano é alheio, na expressão do poeta antigo.

Ernesto Hello, grande crítico e pensador católico, estudou magistralmente num dos seus livros a psicologia do homem mediocre. Invoco a lei dos contrastes para a recordar aqui e recordar ao mesmo tempo os *varões illustres* de Plutarco e os *varões assinalados* de Camões. D. António Barroso poderia enfileirar entre uns e outros, pois, se os primeiros *se alimentavam da medula dos leões* e os segundos fizeram *mais do que prometia a força humana*, o filho de Remelhe excedeu pela integridade do seu carácter a rigidez do bronze em que a sua estátua vai ser fundida.

Que o justo juiz dê ao valoroso soldado, batalhador do bom combate, a coroa prometida. Demos-lhe nós as palmas da admiração e do carinho, não enramando-lhe o nome com a adjectivação fácil da hora que passa, mas destacando-lhe o carácter como um exemplo, como um símbolo, não só dum Cristão e dum Bispo, mas também, e simplesmente, dum Homem.

QUERUBIM MARQUES DA SILVA E SOUSA
do III Ano de Teologia

A DAR TESTEMUNHO...

Há factos que se repetem, é da história.

Um homem houve, em outras eras, mandado por Deus a dar testemunho da Verdade; pois também entre nós, a terras de Santa Maria um homem veio a dar testemunho da verdade, verdade portuguesa — o Sr. D. António Barroso.

Missão santa que dum único caminho dispõe —

D. António Barroso entrou no combate e nele permaneceu.

Para dar testemunho da verdade...

Provou-o de armas na mão: soldado da Cruz, Ela foi a sua espada, nos sertões da África; provou-o no tédio arrastado dos destertos.

Na imensidade do sertão africano os mortos fala-



Aspecto do monumento a erigir em Barcelos

caminho mais curto porque recto da sinceridade e do heroísmo!

Tão português, tão autóctone por tódas as suas fibras, o P.^e António Barroso sentiu erguer-se dentro de si o apêlo austero dos seus maiores.

É este português scismava com o cruceiro da sua vitória: — «... eu admirava o íntimo consórcio da Cruz com a Espada, o missionário e o soldado, duas entidades que eu igualmente amava».

É a pouco e pouco, êle descobre dentro de si a energia escondida da raça e vê a obra comum dum passado de Navegação e Apostolado.

É os seus dias encheram-se duma finalidade que o havia de levar à vitória! — os braços fortes que formaram Portugal igualmente obedeceram à voz íntima que lhes apontou o objectivo.

Foi, realmente, ao clarão dessas verdades, Religião e Pátria — Deus e Portugal — que o Sr.

ram a uma alma lusitana que se inclinou à voz do sangue que lhe corria nas veias.

Vontade heróica!

Veio a dizer o verbo nos dias da tribulação em que havia guerra à religião e peste negra nas almas.

Extorquiram-lhe o Paço, desterraram-no; mas na sua cabeça não vacilou a mitra, que lhe fôra imposta em nome de Deus.

Singular testemunho da fôrça do espírito contra as arremetidas da tirania jacobina!

A dizer o verbo...

É a sua obra longa e tão enxameada de verdadeiras scintilações de portuguesismo revela-nos essa concordância da acção com o pensamento que alguém julgava impossível.

EDUARDO ÁRCHER LEITE
do II Ano de Teologia

DIGA-SE TUDO

Remelhe, a terra querida de D. António Barroso, aninha-se graciosamente em pleno coração do Minho.

A velha casa da família, que conserva ainda tóda a sua estrutura antiga, juntara êle uma pequena construção airosa e simples, onde tinha os seus aposentos e uma capela interior.

Sentia-se bem ali a evocar o passado, a felicidade distante, e a rever os horizontes numa obstinada contemplação saudável e enternecida... O seu olhar era mais límpido, o seu riso mais claro, a sua palavra mais espontânea, o seu gesto mais repousado... Tão certo é que a alegria e a paz têm sempre com a nossa terra estreitas afinidades.

Uma parte boa da casa entestava com uma courela estranha, que os avós, os pais e o irmão lavrador viram sempre com um desejo enorme, quasi torturante, de a possuir um dia.

E compreende-se. Casa que terra nossa não rodeia por tóda a parte parece que está sempre aberta à infelicidade e à traição. Não é ninho e fortaleza ao mesmo tempo.

Mas dificultava a compra, tão vivamente apeteçada, sôbre a falta de recursos, o caprichoso apêgo que tinham à courela os seus donos, de geração em geração...

Até que um dia, inesperadamente, foi posta em venda com o valor de quatrocentos mil reis. Provavelmente a morte batera à porta dalgum, que se viu logo obrigado a desprender-se de tudo...

O irmão do Bispo escreveu-lhe imediatamente para

o Pôrto a dar a boa notícia e a recomendar a compra com um empenho enorme. D. António não respondeu. Nova carta com maior empenho ainda, se isso era possível. Respondeu-lhe o mesmo silêncio.

Quando, volvidos alguns meses, o santo Bispo foi de visita a Remelhe, o irmão, lavrador minhoto, com o culto vivo, quasi supersticioso da terra, recebeu-o mal ensombrado. Se os nossos pais o soubessem! E deixaste-a fugir por uma insignificância para ti, Bispo do Pôrto. Quatrocentos mil reis! Sem ser nossa, continua a ver-nos, a ouvir-nos, a bater-nos à porta, a afrontar-nos...

— Não devia comprar e não comprei. A insignificância dos quatrocentos mil reis fazia muita falta aos pobres que eu socorro no Pôrto.

O irmão não insistiu. Comoveu-se. Era irmão dele...

Para D. António Barroso partilhar com a família e não com os indigentes os rendimen-

tos da Mitra era, ao mesmo tempo, um escrúpulo e um remorso. Não o podia fazer. Todos os laços de família eram como se não existissem diante da sede, da fome e da nudez de Jesus que êle via devotamente nos pobres.

Assim mo contaram um dia. Assim, por minha vez, o conto hoje singelamente a todos os que amam e veneram o nome, a memória e as cinzas do grande Bispo do Pôrto.

CÓNEGO CORREIA PINTO

Professor de Direito Canónico e Arqueologia



O actual Rei do Congo com os missionários — Padres Pinto Matias e Fonseca — e Conselheiros

« São de todos bem conhecidos os estragos que, dia a dia, numa progressão espantosa, causa a tuberculose no seio de tódas as classes sociais, mas sobretudo nas classes menos remediadas. O terrível flagelo, que tantas vítimas conta, vai-se alastrando ainda mesmo nos lugares que pareciam defendidos pela própria natureza. Centralizar os meios de combate, suspender a marcha do terrível mal, procurar a cura ou ao menos diminuir o sofrimento dos doentes: tais são os mais ardentes desejos e fins sociais, que a Assistência Nacional aos tuberculosos procura realizar ».

D. ANTÓNIO BARROSO,
na provisão sôbre a assistência aos tuberculosos

O ANTECESSOR E SUCESSORES
DE D. ANTÓNIO BARROSO



CARDIAL D. AMÉRICO



D. ANTÓNIO BARBOSA LEÃO,
sagrado pelo Sr. D. António Barroso, em 28 de Agosto de 1906



D. ANTÓNIO AUGUSTO, Bispo do Pôrto.
Concluiu o curso teológico em 1906

DE ANTES QUEBRAR QUE TORCER

Entre as virtudes eminentes, que coroam o nome do Senhor D. António Barroso, avulta a sua energia de ânimo singular, o seu temperamento forte, resolutivo.

Cidadão, padre e bispo, cumpriu sempre com exactidão todos os seus deveres, apesar de trabalhos, lutas, sofrimentos e perseguições.

É que o Senhor D. António não era propenso ao mêdo. Com a sua têmpera de aço, não vergava aos obstáculos, vencia-os.

Mas se a sua alma era de diamante, o seu corpo não podia resistir indemne às canseiras e aos climas

insalubres do Ultramar, nem aos incómodos, insultos e ingratidões que na Metrópole sofreu.

Assim, nem sempre pôde vencer a violência da opressão, mas em tais circunstâncias nunca se curvou, nunca torceu. Os mesmos inimigos confessavam que o excelso Bispo *caía de pé*.

A vida do Senhor D. António foi a dum atleta, defendendo denodadamente a fé cristã e o nome português, alargando o reino de Cristo e o domínio de Portugal.

Todavia a paga que em vida recebeu da sua Pátria foram ultrajes e cruzes para os seus últimos dias.

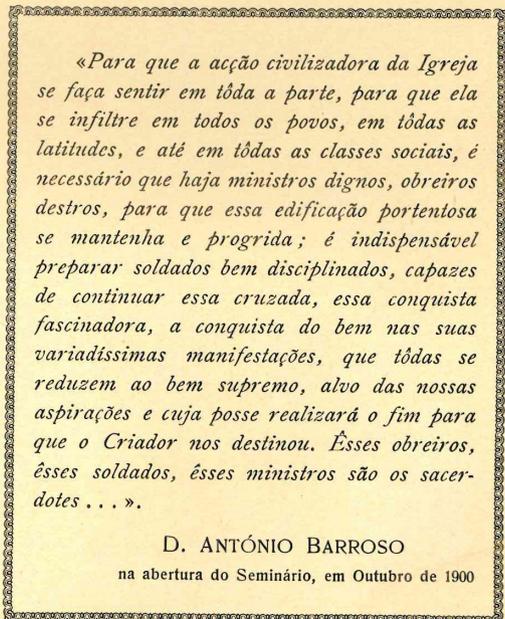
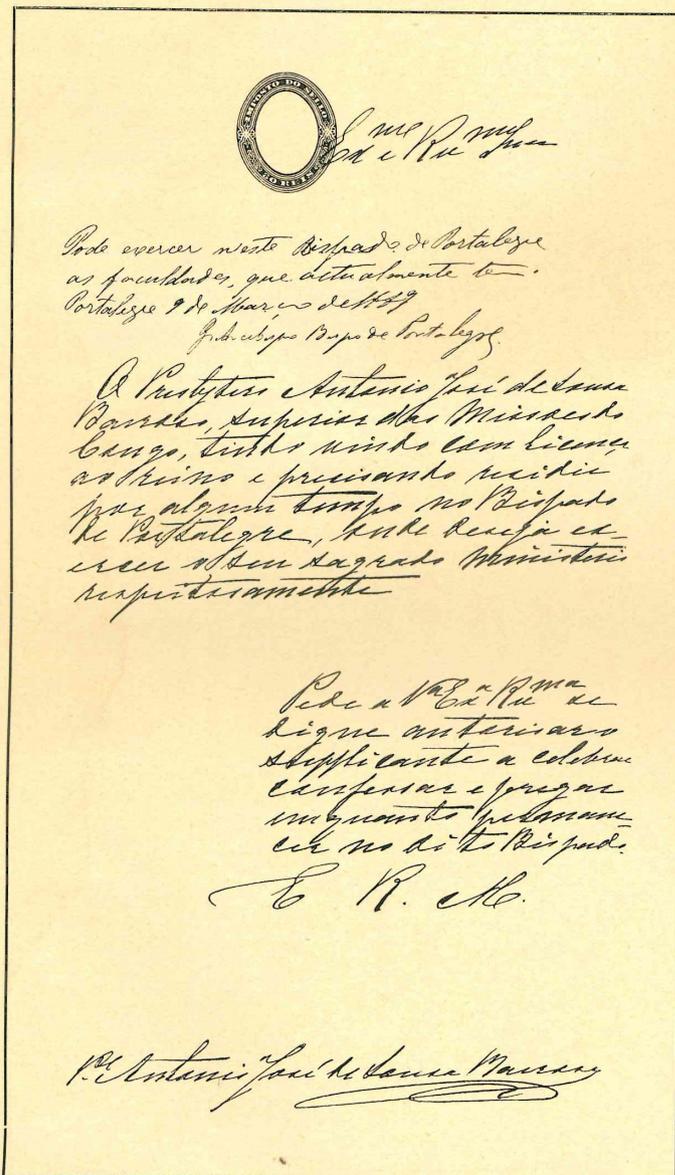
Portugal vai pagar a sua dívida, mas já não pode remediar as dores com que torturou aquele coração de velho, as agonias que lhe fez sofrer represadas em silêncio e os dias que tirou à vida heróica do intrépido Prelado.

Recompensou-o já Jesus Cristo, creio o bem, pagando-lhe os sacrificios que fez pela propagação da fé e os martírios que padeceu pelo nome de Deus.

Efectivamente, na sua última hora com razão poderia o Senhor D. António Barroso dizer com o Apóstolo:

Combati o bom combate, acabei a minha carreira, guardei a fé. De resto está-me reservada a coroa de justiça, que o Senhor, justo juiz, me dará naquêlo dia (S. Paulo 2. Tim. IV, 7-8).

MÁRIO ARNALDO DA FONSECA ROSEIRA
do I Ano de Teologia



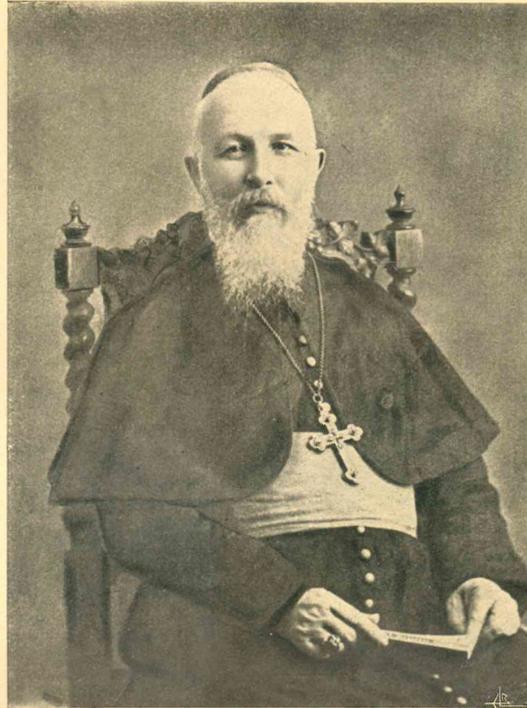
POR DEUS E PELA PÁTRIA

Na hora incerta e enervante em que vivemos não pode ser mais oportuna a evocação dessas figuras de superior grandeza que ainda agora brilham, em scintilações fulgurantes, no céu querido da Pátria Lusa. Recordá-las é reconstituir a nossa História de maravilha; é propor às gerações de hoje e de amanhã, que se abastardam em estólidas independências de orgulho, os dignos exaltamentos da humildade; é opor aos egoísmos calculados dêste século a abnegação do *eu* exclusivista, a dedicação pelos outros; é sentir o amor mais puro, o amor a Deus, o amor a Portugal.

Que bem que faz a quem vive no meio dêste século despótico e cruento, laivado de nódoas de sangue, lançar um olhar, atento e reflectido, sôbre a crente e luminosa História da Meia-Idade!

Como se sente bem a nossa alma ao contacto dum Frei António de Lisboa, dum Fr. Nuno de Santa Maria!... É a virtude daquele, em tóda a sua radiação de beleza, aliada ao patriotismo diamantino dêste que em Aljubarrota mostrou o valor da raça daqueloutro Herói que, com suas marciais façanhas, alcançou primeiro o título de Rei de Portugal.

Foi, certamente, na contemplação de tais luminares que o saúdoso Sr. D. António Barroso conseguiu dar ao seu ser moral aquela têmpera admirável que o levou a oferecer-se em holocausto por Deus e por sua Pátria tão amada. Não lhe sofria a alma de gigante o contraste observado entre a fé que iluminara a sociedade em que viveram os nossos santos heróis de antanho, e a vida letárgica dum povo entorpecido e amodorrado no erro, como era aquele em cujo seio vivia. Foi desta arte que, com a mão trémula sôbre o coração quasi gelado da sua geração, êle traçou o caminho a seguir.



D. TEOTÓNIO, sagrado pelo Sr. D. António Barroso, em 15 de Agosto de 1899

«Dai aos pobres, que Deus vos pagará cento por um; ide ao tugúrio da miséria salvar a pobreza, e ao antro do vício remir desgraçados. Não cuspais na face do desgraçado; é para êle que se reclamam os rasgos heróicos da caridade a qual não tem limites nem no espaço, nem no tempo, na condição ou na raça, mas, unindo-nos a todos como irmãos, nos leva até ao seio de Deus, onde se consuma».

D. ANTÓNIO BARROSO
na pastoral de saúdação

Como o veado anela pela fonte enquanto não está des-sedentado, assim êle, abra-sado no amor que dentro lhe estuava, não se deu por satisfeito enquanto se não arremessou para campo mais vasto que aquele em que se encontrava. E é êste o ponto em que me parece que rebrilha de luz mais fúlgida a incomensurável caridade do Cavaleiro de Deus, do Arauto do Evangelho, do Apóstolo incansável. É aqui que êle começa a sua vida de imolação e sacrifício por Deus e pela Pátria. É aqui que cada hora da sua vida, cada dia dos seus anos, começa a ser uma página gloriosa da nossa Épopéia do Ultramar. Efectivamente, ser missionário católico é amar, é trabalhar, é sacrificar-se pelo levantamento moral e social dos povos incultos. Ser missionário é confundir o orgulho da filosofia humanitária, mostrando que ela é a falsa moeda da caridade cristã; é fazer resplandecer sempre a fôrça educativa da Igreja Católica; é salvar almas e formar cidadãos, na máscula expressão do mesmo Sr. D. António Barroso.

E, se tudo isto êle sentiu, tudo isto êle foi, porque o sentimento é a fôrça que dá o impulso à vontade.

Justo é, pois, que neste ano em que em Portugal se celebra um Congresso Missionário, a escultura perpetue no bronze a memória abençoada daquele que é o modêlo dos missionários, e que a imprensa repita por todos os recantos da nossa Pátria que ainda não vão longe os dias em que Portugal tinha daqueles filhos preclaros cuja existência o Poeta consagrava naquelas palavras: — «Dilatando a fé, o império, as terras viciosas de África e de Ásia andaram devastando».

MIGUEL ESTEVÃO DE FARIA SAMPAIO
do IV Ano de Teologia

UM IDEAL GRANDE

Há, entre os homens, um escol eleito de almas fortes e corações nobres que, propondo-se um ideal grande, levam tôda a vida a caminhar para êle, com um ardor de iluminados. E, embora seja mister, para o atingir, passar por dores e privações, por sêdes e por fomes, rasgar a carne nos espinhos e nas silvas, ou sentir os pés toparem dolorosamente as pedras do caminho, nada consegue esfriar-lhes o ardor, nem travar-lhes o passo.

Uma dessas almas, um desses corações foi o sr. D. Antônio Barroso.

Educado desde o berço no ambiente religioso dum lar do Minho, na sua alma lançou fundas raízes a virtude da renúncia de si, do amor de Deus e dos homens que, mais tarde, veio a frutificar na vocação de Missionário. Doera-lhe saber que existiam tantos irmãos seus, sem a luz do Cristianismo e da Civilização, amodorrados no estado primitivo de selvajaria. Possuído dêste sentimento que, bem depressa, se transformou em paixão, a grandeza do ideal arrebatou o seu coração sequioso de grandes glórias, e fez-se missionário. Decididamente, abandonar pátria, família, lar, ir manifestar a luz a olhos fechados desde há séculos, que a repelem porque os cega, partir a semear a civilização no seio de selvagens, endurecidos nos seus hábitos seculares de degradação, bem pesado encargo é! Reside aqui o máximo da grandeza daquele que hoje homenageamos, o grau supremo de fidelidade ao ideal que se propusera. Fez-se, pois, missionário o padre Barroso.

Inútil é recordar o sucesso das suas missões através do Congo e o respeito de que, perante os indígenas, conseguiu rodear-se. Todos o sabem.

Porém, por mais que o tentasse, a capa da sua humildade não chegou para encobrir a envergadura do

gigante e as suas obras começaram a correr mundo nas bôcas da fama. Bem depressa, reconhecido o seu valor pelos superiores, êle era elevado à cadeira episcopal. Era de julgar que o sr. D. Antônio Barroso que, até então, se esgotara nas lides dum apostolado custo-



D. ANTÔNIO MOUTINHO, sagrado pelo Snr. D. Antônio Barroso, em 6 de Janeiro de 1902

síssimo, agora se fixasse no paço, no gôzo dum descanso muito relativo e muito merecido. Mas não. As ânsias do seu coração ardente não lho permitiam. E do báculo episcopal que, para muitos, seria talvez ostensiva insígnia de dignidade e honra, preferiu êle fazer o bordão de missionário peregrino a que se arrimasse nas viagens pastorais através dos descampados e das selvas das suas extensas e acidentadas dioceses. Arrastado pelos ímpetos do seu coração apostólico, muitas vezes não ouvia a razão que lhe aconselhava prudência... Assim, arruinado pelos trabalhos de muitos anos de apostolado, trabalhos tão excessivos que lograram arruinar a sua estrutura de gigante, o sr. D. Antônio Barroso foi transferido para o Pôrto que, durante 19 anos, ainda gozou da acção benéfica dêste bondosíssimo bispo. O abatimento de saúde a que o lançou a vida de África e da Índia continuou progressivamente a extenuar-lhe as forças, até que esgotado por completo, expirou no ósculo do Senhor e nas lágrimas doridas dos homens, seu duplo amor durante a vida.

E houve quem visse que, depois de morto, a cabeça lhe ficara caída para o lado esquerdo do peito, como se escutasse ainda a voz do coração ao qual tôda a vida obedecera e que, em paga, o levava à morte...

EVARISTO DE VASCONCELOS

do II Ano de Teologia.

«Uma nação, Senhores, não deve ser avaliada só pelo âmbito, mais ou menos largo, dos seus limites, pelo número dos seus habitantes e pelos valores monetários encerrados nas arcas do seu tesouro; mas deve sê-lo principalmente pelas energias do seu carácter, pela nobreza dos seus sentimentos, pelo valor do seu exército, pelo seu concurso eficaz no desenvolvimento da civilização dos povos, a quem levou a sua fé ardente, as suas instituições venerandas e a sua língua. O povo, que, em síntese admirável, reúne todos estes predicados, é o heróico povo português, que hoje vem ao templo sagrado agradecer ao Deus dos seus maiores as misericórdias e singulares favores para com êle usadas».

D. ANTÔNIO BARROSO

na oração gratulatória pela vitória do Cuamato

ACORDANDO OS MORTOS

Ao torvelinho de inconsciência e nevrose de hoje não escapam os que se creem mais independentes, sendo para temer que tudo em breve seja vertigem que leva à morte.

Emergindo um pouco da presente rotina de coisas alguns espíritos observadores viram-no bem e deram o sinal de alarme: — para o desvio da trajectória tomada é necessário um esforço consciente e intenso de acção.

Mas não seria este pregão o último acto consciente duma sociedade em delírio? . . .

Não! Somos crentes por que há Deus e temos uma História.

Essa força do passado que vem do exemplo dos heróis e da luz dos génios será o farol bemdito que nos libertará da morte.

Acordemos os mortos!

*
* * *

O Snr. D. António Barroso é uma das figuras mais sugestivas do nosso tempo, é um dos mais largos obreiros da nossa época.

E, opondo ao positivismo e ao materialismo a afirmação do ideal pela necessidade que sentimos dele, qual seria a ideia grande, magnífica, de tanta beleza, tamanha audácia e tão nobre esforço? — A Cruz.

Como Nuno Álvares lendo as novelas de cavalaria se formára o grande soldado capaz de incarnar a Pátria, o Snr. D. António Barroso lendo livros sobre assuntos africanos *sentira a sua alma de rapaz entusiasmar-se pelo missionário e pela Cruz.*

Essa cruz, à volta da qual formara o ideal, foi o segredo da fecundidade admirável da sua vida.

Missionário do Congo, vejo-o apertando-a freneticamente entre as mãos.

Mas aquela ideia agiganta-se e o seu entusiasmo cresce. Avança para ela com mais fé e também com mais sacrifício.

A cruz pendente-lhe agora do peito e, como outrora os portugueses, dobra o *cabo tormentoso* para levar a povos mais distantes a boa Esperança, a boa Nova, a boa Cruz.

Mais um passo ainda para ela e a sua rota continua para mais ao longe e ao largo.

Como diria o Poeta, *em cristãos atrevimentos*, apostolizava a África e a Índia deixando em toda a parte *sempre levantado o estandarte* da cruz.

Para tanta generosidade e porque o discípulo não é melhor que o mestre faltavam-lhe os insultos da gentilha e a injustiça dos poderes. Bispo do Pôrto tudo experimentara pela cruz amada. «A cruz peitoral entranhara-se no coração do Bispo até o repassar inteiramente do gosto do sacrifício».

Mas por isso o triunfo foi maior.

*
* * *

Alphonse Chigot deixou-nos um quadro digno da sua alma de artista que é a objectivação dum dos preceitos mais urgentes do problema de hoje.



D. JOSÉ, sagrado pelo Snr. D. António Barroso,
em 28 de Maio de 1905

Um soldado que volta do combate, o braço gravemente ferido segurando ainda enlevadamente a bandeira da sua Pátria, encontra um *calvário*. No deserto, pára e descobre-se saudando com respeito o Crucificado que fita como companheiro da sua morte.

Alguém comentando escreveu por baixo:

« Tous deux ne sont-ils pas les *vaincus d'un jour?* »
Vencidos dum dia!

Ao Bispo que celebramos cabe bem a mesma exclamação: N'est-il pas le *vaincu d'un jour?*

Vencido... mas aparentemente vencido, porque o seu triunfo é o triunfo que a história dá aos grandes heróis!
Vencido mas no tempo fugaz, porque a eternidade dera-lhe um lugar alto e digno que não passa!

GERMANO DA SILVA PINTO

do IV Ano de Teologia

CAVALEIRO DAS CINCO-CHAGAS

Tôda a vida humana, em rigor, é um holocausto a um ideal que a inteligência alcançou e definiu. Da nobreza dessa orientação, que traça a órbita indeclinável da acção individual, procede a gravidade proporcional do sacrifício na sua execução. Intuição do papel de cada um na história, exige, para a sua determinação eficaz, luz plena a brilhar na inteligência que só pode repousar no absoluto. A alma que não viu «princípio e fim», na expressão do poeta, jamais poderá marcar uma directriz à sua actividade, conquistando um carácter.

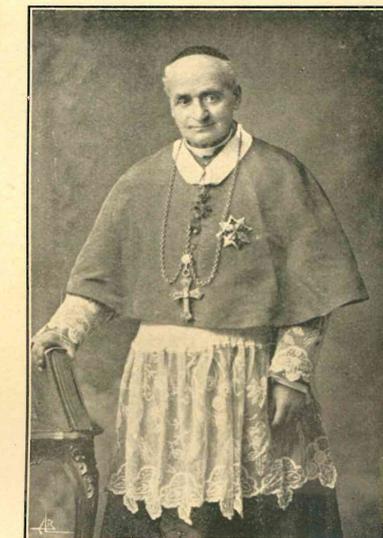
O Sr. D. António Barroso, comungando no ideal missionário, impôs-se um dos mais nobres sentidos que nos pode orientar a vida. O missionário conjuga as duas missões superiores a que pode dedicar-se a liberdade humana — a de soldado e a de apóstolo. Dum modo particular, o missionário português enquadra-se na vocação nacional, cujo emblema augusto é a nossa bandeira. As quinças semeadas na esfera não são timbre genial mas caprichoso duma nacionalidade; são memória ostensiva da nossa vocação divina que, numa como que projecção da subconsciência histórica dum povo, se bordaram nas tintas do seu pendão.

Camões, numa síntese digna do seu génio, exprimiu-a ao decantar Portugal singrando «por mares nunca dantes navegados, dilatando a Fé, o Império».

A esta luz, o Sr. D. António Barroso emerge no halo de fé e heroísmo dum cavaleiro medieval que rompesse ovante, arroubado por um Sonho Novo ajuramentado sobre o Evangelho e os Lusíadas!...



D. JOSÉ ALVES MATOSO,
sagrado pelo Sr. D. António Barroso
em 21 de Março de 1915



D. SEBASTIÃO DE VASCONCELOS,
sagrado pelo Sr. D. António Barroso,
em 2 de Fevereiro de 1908

De feito, êle encarnou o verdadeiro patriotismo-verbo afirmando-se em obras, sem as quais êste ficaria reduzido ao inútil *cybalum tinniens*, de que nos fala o Apóstolo.

Tôda esta grandeza heroica do Sr. D. António Barroso, ante a qual hoje nos inclinamos, prende as raízes no seu carácter

completo, que só a Religião pode cimentar: a verdade plena, motriz, só no-la dá a crença.

Tendo-se imposto um dos mais árdus e abnegados de todos os ideais — o de Missionário — realizou-o, indefesso e intemerato, porque a sua alma consubstanciou a fé — a verdade — amou-a com todo o fervor das suas energias, e seguiu — de olhos embebidos nela — no seu martírio voluntário e generoso...

Os crentes nunca desfalecem; ignoram o que seja a cobardia da deserção ou da subserviência: amar é sentir, é remoçar a vida por uma espécie de fluxo vital que se desentranhasse da verdade, sempre forte e livre. Já Berthelot anteviu o poder singular da fé ao consignar, plangentemente, a inércia dum milhão de baionetas francesas ante a avalanche convulsa dos alemães. A França carecia dum móbil que o filosofismo não pudera suprir. Esta hora de justa apoteose é, pois, um brado da integração de Portugal na fé e patriotismo dos seus maiores, a ecoar em todos os recantos da Nossa Terra, que parece hesitar ante a voragem do Iberismo — como passarinhos que, fitando a serpente voraz, esquecesse a liberdade das suas asas!...

Sobre o túmulo do Senhor D. António Barroso, mantenedor, pela fé que propagou desde o Zaire ao Limpopo e ao Ganges, da soberania portuguesa nas colónias — apêlo vibrante neste colapso de patriotismo da hora presente; sobre o seu túmulo, que lembraram também, chorando, o Ganges e o Indo, Camões repetiria, numa unção de prece, a oração fúnebre, do Apóstolo S. Tomé:

Chorou-te tôda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se iam da Santa Fé que lhe ensinaste;
Mas os anjos do céu, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças,
Com que os teus lusitanos favoreças.

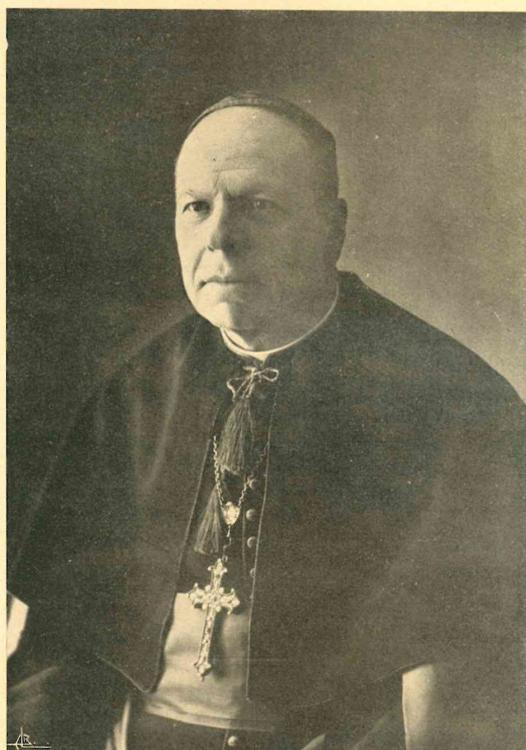
Lus., x — cxviii.

Na perspectiva profética da fúria de Camões, dois missionários andavam enlaçados...

ANTÓNIO SOARES PINHEIRO
do II Ano de Teologia

UMA FORMA DE SER BOM...

Se, no pensar de Rodó, dizer as coisas bem, ter na pena o dom esquisito da graça e no pensamento a imaculada linfa de luz, onde se banham as ideias para



D. MANUEL COELHO DA SILVA,
sagrado pelo Sr. D. António Barroso, em 21 de Março de 1915

aparecerem formosas, é uma forma de ser bom, não o é menos, por certo, o ter o dom da palavra que desliza límpida, espontânea, quente, a faíscar de vida de lábios puros quando são fontenário duma alma feita tóda de elevados sentimentos e ideias generosas.

O Sr. D. António Barroso tinha aquela graça de falar bem, que enlevava as almas e aliciava os corações porque lhes comunicava alguma coisa de si, melhor direi, porque se comunicava a si, expressava-se: e êle era a bondade, a simplicidade que só o vigor do Evangelho pode criar.

Não foram, de feito, tanto os predicados que

constituem estruturalmente o tribuno que o impuseram, pela eloquência, à admiração dos que o ouviam.

O seu espírito culto, brilhante, servido duma memória fácil e poderosa que uma inalterável serenidade, porta-bandeira de paz interior, tinha sempre presente, ajudando a enlaçar em síntese, por vezes, os assuntos mais vastos, havia-se como que embebido, profundamente, nessa coisa rara, que poucos tem igual, preciosa como o ouro de mais fino quilate, qual era nele o coração. É aí que se encontra a chave da maior parte dos triunfos da sua eloquência.

Poderia porventura dizer que penetrado das frescuras da graça de Deus, o coração de Sua Ex.^a Rev.^{ma} lançava, através da sua voz forte de militar valoroso e de seus olhos vivos e compassivos, a rede da sua bondade a que ninguém podia resistir, que a todos atraia, que a todos seduzia.

Era assim a palavra do grande Missionário e do grande Bispo do Pôrto: vinha imediatamente, a direito, sem dobras complicadas de retórica, da sua alma, a pôr em vibração, em entusiasmo, em delírio até, o auditório, fôsse êle muito embora o mais exigente. Comunicava-lhe como ninguém, galvanizando-o, fazia-o sentir, como seu verdadeiro intérprete, aquele sentimento religioso e patriótico que fez de nós povo de heróis e santos para bem da humanidade.

E porque sabia enaltecer os nossos feitos, as nossas benemerências prestadas à Civilização e defender o bom nome do prestígio português ou castigar os desvarios e chamar-nos, com autoridade, ao dever, é que era naturalmente requisitada a sua presença onde quer que fôsse mister comemorar algum facto ou homenagear algum herói. Permitiu Deus que, a poucos anos da morte, já alquebrado, fôsse consagrado dum modo solene como orador da nossa raça. Foi no Ateneu Commercial do Pôrto, perante uma assembleia esmerada. «Na assembleia, diz-nos o Sr. Dr. Correia Pinto, inteiramente à mercê da eloquência do Prelado, as lágrimas, em muitos olhos, davam aos aplausos uma nota de tocante sinceridade: e houve um momento em que os literatos se ergueram, como se quisessem ver melhor a palavra do grande Bispo a caminho das almas que, a recebê-la, se abriam sófregamente...»

Igualmente, com a mesma comoção e a mesma sofreguidão, sofreguidão de quem anda esfomeado de justiça e de consolações, era escutado por ocasião das suas visitas pastorais. Era então Pai terno, aliviador de desgraçados, o Missionário...

E não será isto uma forma de ser bom?

«Procuraremos saber como prègam a palavra divina, como acodem pressurosos à administração dos santos sacramentos e promovem diligentemente as obras de devoção e se empenham na decência do culto católico, que é eficaz para afervorar e radicar os sentimentos de piedade».

D. ANTÓNIO BARROSO
anunciando a visita pastoral

MANUEL ANTÓNIO FERNANDES
do III Ano de Teologia.

DESPRENDIMENTO DO SNR. D. ANTÓNIO BARROSO

Li algures que a divisa de Sua Ex.^a Rev.^{ma} era «fazer o bem sem olhar a quem». Palavras singelas que resumem tôda a vida dum missionário que foi grande entre os maiores e que sintetizam com eloquência admirável tôda a vida dum bispo que foi ilustre entre os mais ilustres.

Na verdade, quem tratasse de perto com o Snr. D. António Barroso havia de constatar que dentro daquele peito de sacerdote como que se ocultavam dois grandes corações: um para o sacrificar inteiro pela Pátria que nunca soube trair e que sempre procurou enaltecer, o outro para o repartir até à última parcela pelos pobres de quem foi pai carinhoso e protetor desvelado. Foi esta a impressão que senti quando tive a felicidade de o ver pela vez primeira.

Dissera êle um dia que tendo nascido pobre, nunca fôra rico e que pobre desejava morrer. Na realidade, estas palavras foram bem a directriz de tôda a sua vida e põem ao vivo o quilate da sua alma. Almas grandes sonham com grandezas de alma, e o Snr. D. António Barroso era uma alma grande! Viveu e morreu pobre, porque deu tudo aos pobres.

Parece que um só pensamento o dominava: viver para ser o amparo dos desprotegidos e dos humildes. Daí essa grande abnegação, que lhe era peculiar, pelos infelizes a favor dos quais muitas vezes dispendia o último ceitil da sua minguada bôlsa. Jámais alguém

bateu em vão à sua porta. Mas o Snr. D. António Barroso não socorria os pobres por um mero gesto de filantropia a qual por vezes quere ocultar-se sob a capa da caridade; não, Sua Ex.^a Rev.^{ma} compreendia bem que dar aos pobres era emprestar a Deus e acumular riquezas onde, no dizer do Evangelho, não entram os ladrões, nem as corrompe a traça ou a ferrugem; por isso praticava a caridade no seu mais alto significado cristão.

Quando tinha deveres protocolares a cumprir o seu porte era nobre e majestoso mas nem por isso era menos afável nem a bondade deixava de transparecer-lhe no rosto. No seu testamento deixara êle exaradas as seguintes palavras que são a tradução fiel do seu pensamento: «Pobre quero morrer em obediência e acatamento às sábias leis da Igreja católica».

Era assim Sua Ex.^a Rev.^{ma} . . . Como S. Francisco de Assis, quantas vezes exclamaria o Snr. D. António Barroso: «Ó Jesus pobríssimo, a graça que Vos peço é que me concedais o tesouro da santíssima pobreza!». Pobre de bens, rico de merecimentos. Como foi grande o Snr. D. António Barroso!

A sua memória será, por isso, sempre abençoada e o seu nome será sempre recordado com admiração e com saúde.

JOAQUIM DA COSTA
do III Ano de Teologia

DOR PRIMEIRA

(A MEMÓRIA DE D. ANTÓNIO BARROSO)

Coração sino da gente...

C. RREIA DE OLIVEIRA

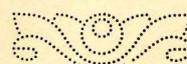
*Morrera o Bispo. Portugal inteiro
Sua morte chorou sentidamente.
A Pátria deitou luto verdadeiro,
Ao badalar dos sinos tristemente.*

*Era eu criança ainda, no primeiro
Alvorecer da vida e, inocente,
Para mim eram fardo bem ligeiro
Meus dias calmos de viver contente.*

*Nunca a amargura me invadira o peito,
Mas ao ouvir o sino, em dor desfeito,
Gemer convulso em lágrimas de som,*

*O grande Bispo e o grande português
Chorei também. Pela primeira vez
A finados dobrou meu coração!*

REINALDO CASAL PELAYO
do I Ano de Teologia

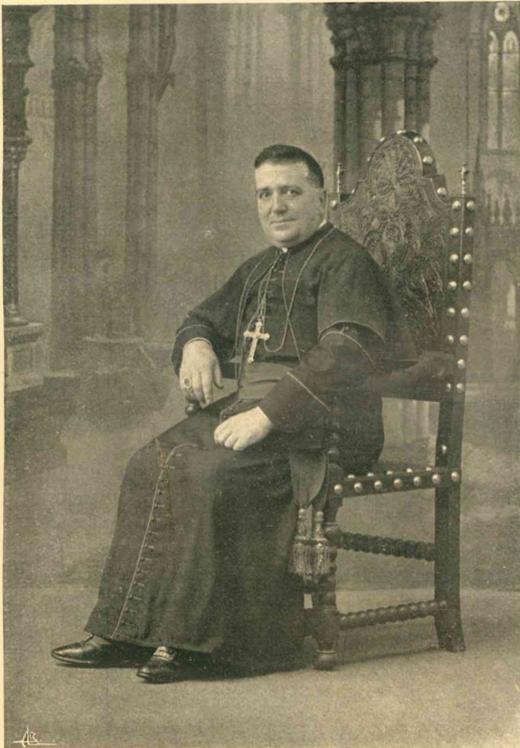


RECORDAR...

Vai a diocese do Pôrto cumprir mais um dever de gratidão homenageando, tanto quanto lhe é possível, um dos seus mais ilustres prelados.

Boa e gloriosa tarefa é essa!

Dando o meu humilde concurso a essa homenagem, não é meu intento fazer salientar o que o Sr. D. António Barroso foi como missionário e patriota, nem mesmo focá-lo sob o ponto de vista de asceta e de prelado.



D. JOSÉ CORREIA DA SILVA, prégou 2 tríduos na Capela de S. Tiago de Moldes e ministrou os últimos sacramentos ao Sr. D. António Barroso

O meu escopo é apenas recordar (e recordar é viver...) em duas palavras, a primeira e única vez que tive diante dos meus olhos a figura veneranda de D. António Barroso.

Foi ali, na rua de Passos Manuel, que êsse facto se deu.

Descia eu socegada e vagarosamente esta rua na parte compreendida entre Santa Catarina e Sá da Ban-

deira. Lá quasi ao fundo, em frente a um prédio elevado, encontrava-se um trem,—coisa banal na vida cidadina. Porém, à medida que avançava, algo de estranho chegava aos meus ouvidos. Aproximei-me. E qual não foi a minha surpresa ao encarar com um grupo de cavalheiros que se acercavam dum sacerdote velhinho, de barbas brancas, patriarcais, enquanto lá no alto da escadaria outros cavalheiros, à mistura com senhoras e crianças, o saúdavam entusiasticamente batendo palmas!... Soube então que aquele velhinho que tanto me impressionou, era o Snr. Bispo do Pôrto, D. António Barroso.

Desde êsse momento nunca mais a sua figura excelsa se apagou na minha retina. E ainda hoje, ao passar em frente do Ateneu Comercial do Pôrto, eu recordo com satisfação (e também com saúde) o espectáculo que presenciei e onde, pela primeira vez, vi um senhor bispo.

Que teria ido lá fazer S. Ex.^a Rev.^{ma}?

Não o sabia. Só mais tarde é que veio ao meu conhecimento que S. Ex.^a tinha ido ali para presidir à festa da distribuição de prémios às crianças dos colégios e asilos da cidade do Pôrto e abençoar, em nome da Igreja, essas mesmas crianças e todos aqueles que concorriam para a sua educação.

Tinha ido, pois, S. Ex.^a Rev.^{ma} dar testemunho público e solene do quanto a Igreja ama e exalta o trabalho e a instrução, e um desmentido formal aos que a consideravam como obscurantista, inimiga do progresso e da civilização.

Êste conhecimento, posto que posterior, vincou melhor na minha mente a figura grandiosa do Sr. D. António, e de tal modo que nunca mais a esquecerá.

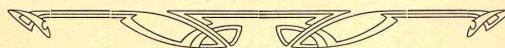
Também não o esquecerão os pobres e os humildes a quem socorreu, e os infelizes a quem enxugou tantas lágrimas. A sua memória será abençoada por todos êles e por todos os que com êle viveram.

Esta homenagem que se lhe presta é a realização disto mesmo. Oxalá ela se converta numa verdadeira apoteose nacional ao grande Morto, a quem a Pátria tanto deve.

Numa hora em que só as nulidades são exaltadas, e o êrro, a mentira e a traição adquirem foros de virtude, deve ser grato a todos os bons portugueses proceder à consagração dos autênticos valores morais, intellectuais e cívicos da nossa terra.

Honremos, pois, a memória de D. António Barroso. Honremos a terra que lhe foi berço, a Pátria que o viu nascer e, finalmente, agradeçamos ao Céu o ter-nos dado um modelo tão perfeito de cristão e patriota.

ANTÓNIO DE MELO COELHO
do IV Ano de Teologia



APÓSTOLO DE DEUS E DA PÁTRIA

Nos dias que correm, nesta época de egoísmos em que quasi se atende só ao bem-estar individual, parece estar esquecida a finalidade da vida.

O homem nasceu para amar e amar é sofrer — imolar-se; a vida não tem outro fim.

Há dois amores na terra que o homem não deve esquecer: o amor de Deus e o da Pátria. D. António Barroso dedicou-se a êles inteiramente e pode ser apontado como um exemplo a seguir.

Para amar a Deus, D. António Barroso renunciou a si mesmo; como manda o Evangelho, exercitou aquele amor de que nos fala Santo Agostinho na Cidade de Deus: *amor Dei usque ad contemptum sui*.

Para amar muito a Pátria abnegou-se também. Abandonou, com alegria, «a graça bucólica e a paz inspirativa dos presbitérios do Minho», como diz o Sr. Cônego Correia Pinto, para ir arrostar com os climas ardentes e doentios de Africa afim de levar às pobres almas infieis, abandonadas ao grosseiro fetichismo, a consolação da paz evangélica, e inculcar-lhes nos corações a sujeição e o amor a Portugal.

As missões do Congo português foram o campo principal da sua gloriosa acção missionária e civilizadora. Uma vez lá internado, o P.^e Barroso organiza com proficiência o seu Pôsto missionário, que deve ser o foco da evangelização de todo o povo congo. Ao lado da capela manda construir a escola. Na capela ensina a amar e glorificar a Deus, na escola ensina a língua pátria, as glórias e o amor a Portugal.

Durante o seu tirocínio eclesiástico em Sernache de Bomjardim, tomou conhecimento das nossas antigas glórias nacionais, como êle próprio confessou na conferência que fez sobre missões coloniais na Sociedade de Geografia de Lisboa. Sabia por isso que o apogeu do nosso domínio ultramarino se alcançou, quando os nossos descobridores partiam em frágeis batéis em demanda de novos povos, levando numa mão a espada, na outra a Cruz e o Evangelho.

E assim é que vemos êste grande apóstolo de Deus e da Pátria estar sempre atento a tudo o que pudesse interessar ao seu prestígio, quer no Congo, quer entre os povos das outras regiões, com quem teve de estar em contacto.

O amor a Deus e à Pátria foram o anelo primacial

do coração bondoso e dedicado do grande português, que foi D. António Barroso. Êle é, pois, e com muita justiça, pelas suas excelsas virtudes cristãs e cívicas, um modelo a imitar por cristãos e portugueses.

ANTÓNIO VIEIRA LOPES
do III Ano de Teologia



D. MANUEL FERREIRA DA SILVA, Bispo titular de Gurza.
Concluiu o curso teológico em 1908

MISSIONÁRIO NO PÔRTO

O Senhor D. António Barroso, tanto no físico como no moral, era uma organização acabada de missionário. Logo que entrou nesta diocese do Pôrto tomou a resolução de continuar a ser até à morte um bispo missionário. E para isso formou o plano de organizar aqui uma associação de missionários diocesanos, à

semelhança doutras que existem em algumas dioceses de França.

Creio que as primeiras pessoas, que chamou a colaborar nessa obra, foram os dois mais conhecidos e populares prégadores desse tempo nesta diocese — o P.^e Pinto de Moura e o abade de Lustosa, mais

tarde Bispo e seu sucessor. Alguns trabalhos se fizeram para êste fim. Com grande mágoa, porém, para o coração apostólico do Prelado estas tentativas resultaram infrutíferas pela retirada do Abade Barbosa Leão, sagrado na Sé do Pôrto Bispo de Angola e Congo em 28 de agosto de 1906.

Outras experiências tentou com pessoas que chamou para iniciar a obra que (dizia êle) julgava a primeira necessidade da sua diocese.

Com as perturbações políticas e religiosas, que se sucederam depois de 1910, e com os dois violentos desterros, em que o Senhor D. António teve de deixar a sua diocese, êste trabalho houve de sofrer suspensão.

Até que, em 1915, pouco depois de regressar do segundo destêrro, convocou alguns sacerdotes, que encarregou de estudar a forma mais simples e viável de dar corpo e vida à obra, que era o seu sonho.

Mons. Manuel Marinho foi encarregado de organizar um novo projecto de estatutos e o plano da nova criação.

A primeira reunião de sacerdotes convidados pelo Prelado para tratar dêsse assunto pôde realizar-se em 19 de Janeiro de 1916, presidindo o senhor Bispo, que aprovou o projecto de estatutos e os mandou imprimir. Em reuniões de 17 de maio e 31 de julho dêsse ano, ficou constituída a Associação para entrar em serviço activo de missões e retiros no mês de outubro seguinte. E assim foi.

Nos poucos anos que ainda viveu pôde algumas vezes aproveitar-se dos serviços do «Grupo Missionário» para a visita pastoral. E muito mais fazia se a

divina Providência o não houvesse chamado tão cedo a receber o prêmio dos seus trabalhos apostólicos.

Mas ficou a obra, que o seu digno sucessor soube aproveitar e continuar com igual zêlo apostólico.

Nesta obra de evangelização antecipou-se a diocese do Pôrto ao voto de todos os venerandos Prelados portugueses, no Concílio Plenário, formulado nestes termos:

«Exoptat Concilium ut in omnibus dioecibus concionatorum coetus cum statutis legitime approbatis instituat, qui Ordinario et parochis, praesertim ad sacras missiones tradendas, sint in auxilium (Cân. 416)».

E os venerandos Prelados assim o expressaram para cumprimento do Código (Cân. 1349) que manda fazer missões nas paróquias «saltem decimo quoque anno».

O saúdoso Bispo do Pôrto, senhor D. António Barbosa Leão, que tomou parte importante naquela luzida e solene assembleia, podia então dizer com justificado desvanecimento que a sua diocese do Pôrto se havia antecipado àquela decisão do Concílio, pois já tinha organizado o serviço missionário diocesano, devido ao apostólico zêlo de D. António Barroso.

Por circunstâncias eventuais êsse grupo encontra-se hoje em lamentável penúria de operários. Porém, as bases ainda estão aí, e só há que esperar o momento oportuno em que S. Ex.^a Rev.^{ma}, o digno sucessor dos dois saúdosos Pastores, lance mão dessa obra para lhe insuflar novo vigor, prover as fileiras rarefeitas e continuar a obra dos seus gloriosos antecessores, para bem desta diocese e em homenagem à memória do Bispo Missionário.

P.^e PINHEIRO DE SOUSA



SUPERIORES E ALUNOS DO SEMINÁRIO — 1930-1931

HINO

DEDICADO AO SENHOR

D. ANTÓNIO BARROSO

Música de EDUARDO DA FONSECA

Letra de ANTÓNIO DA CUNHA

Hino dedicado ao Senhor D. António Barroso

POR

Eduardo da Fonseca

Magestoso

1.º Tenores *P* Com en - ter-ne-ci-da saú - da - de ento - - e - mos ês - te can - to:

2.º « *P*

Baixos e Barit.ºs *P*

Canto

Quem ao vê - lo, não sen - te no pei - to a ter - nu - ra dum fi - lho, sa -

- gra - da pe - lo Pai bem a - ma - do e res - pei - to pe - lo e

ral. - gré - gio Mi - nis - tro do Al - tar? *f* Voz do po - vo que ra - ro se i -

ral. *f* *a tempo*

- lu - de, Quá-sium san-too fez já e, u - fa - na - da, a Ci -

- da-de do Pôr-to a vir - tu - de Do seu Bis-po é cons-tan-te a a - cla -

- mar! Do seu Bis - po é cons-tan - te a - cla - mar! Sal-ve An -

ralent. *a tempo*
f *f a tempo*

Côro

- tó-nio oh, in-si-gne Pre - la - do! Por teus fi - lhos se-rás sem-pre a - ma-do! Sal-vê An -

f *f*

- tō - nio oh, in si - gne Pre - la - do! Sal - vè Sal - - vè!

ff *ff* *ralent.* *ralent.*

Quem, ao vê-lo, não sente no peito
A ternura dum filho, sagrada
Pelo Pai bem amado, e respeito
Pelo egrégio Ministro do Altar?

Voz do povo, que raro se ilude,
Quási um santo o fez já e, ufanada,
A cidade do Pôrto a virtude
Do seu Bispo é constante a aclamar!

Salvè António, ó insigne Prelado!
Por teus filhos serás sempre amado!
Salvè António, ó insigne Prelado!
Salvè! Salvè!

Êle à Pátria prestou tais serviços
Que os antigos heróis não inveja,
Suas bênçãos tornando submissas
Bravos povos sem fé, além-mar!

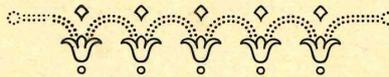
Dêste modo Êle cumpre na terra
O dever portentoso da Igreja:
Não conhece inimigos na guerra
Quem nasceu para a todos amar!

Salvè, etc.

Da alma pura, scentelha divina,
Vem a luz reflectir em seus olhos,
E a palavra de Deus, qual a ensina
Não se pode jamais olvidar!

Seu exemplo, lição permanente,
Aos que sofrem do mundo os abrolhos,
Ergue um còro de crença fermente
O seu nome bemdito a aclamar!

Salvè, etc.



biblioteca
municipal
barcelonès



17093

In Memoriam